

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

HENRIQUE DANNA LETTI

**“TATIQUEÍS”**: UMA ANÁLISE DOS APONTAMENTOS TÁTICOS NOS  
COMENTÁRIOS EM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DA RÁDIO BANDEIRANTES

Porto Alegre

2021

HENRIQUE DANNA LETTI

**“TATIQUÊS”:** UMA ANÁLISE DOS APONTAMENTOS TÁTICOS NOS  
COMENTÁRIOS EM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DA RÁDIO BANDEIRANTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sandra de Fatima  
Batista de Deus.

Porto Alegre

2021

HENRIQUE DANNA LETTI

**“TATIQUÊS”:** UMA ANÁLISE DOS APONTAMENTOS TÁTICOS NOS  
COMENTÁRIOS EM TRANSMISSÕES ESPORTIVAS DA RÁDIO BANDEIRANTES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra de Fatima  
Batista de Deus.

Aprovado em: 17/11/2021

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra de Fatima Batista de Deus – UFRGS  
Orientadora

---

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira – UFRGS  
Examinador

---

Ms. João Paulo Jobim Fontoura – Unisinos  
Examinador

#### CIP - Catalogação na Publicação

Letti, Henrique Danna  
"Tatiquês": uma análise dos apontamentos táticos  
nos comentários em transmissões esportivas da Rádio  
Bandeirantes / Henrique Danna Letti. -- 2021.  
88 f.  
Orientadora: Sandra de Fatima Batista de Deus.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Jornalismo,  
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Radiojornalismo Esportivo. 2. Futebol. 3.  
Comentário Esportivo. 4. Análise Tática. 5. Rádio  
Bandeirantes Porto Alegre. I. Deus, Sandra de Fatima  
Batista de, orient. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial aos meus pais Daniel e Liana, pelo alicerce e pelo amor diário.

Ao grupo UNIT, pela amizade de praticamente uma década e pela dose saudável e necessária de futebol no dia a dia.

Aos colegas da Fabico, companheiros na trajetória acadêmica e parte do rol de memórias inesquecíveis da graduação, além dos professores, por todo o conhecimento compartilhado.

Aos colegas de Metro Jornal, Band/RS, Footure e Esporte Clube Juventude, pelo aprendizado profissional e pelo acolhimento.

Ao amigo Pedro Gabriel Amaral, que, além do suporte de sempre, buscou as leituras essenciais para a realização da presente monografia, bem como Pedro Furlan, que com elas subiu a serra, ao meu encontro.

À minha orientadora, Sandra de Deus, por ter aceitado o convite para me acompanhar nessa jornada e pela disponibilidade e atenção ao longo da produção do trabalho.

E, por fim, a todos que direta ou indiretamente colaboraram com a realização do trabalho e com minha vida acadêmica, como Juventude e Tottenham, clubes que me providenciaram alegrias genuínas e uma conexão ainda maior com o futebol — mesmo sem grandes títulos ou banalidades do tipo.

## RESUMO

O presente trabalho examina a relevância e a recorrência da análise tática de futebol no jornalismo esportivo a partir do comentário no rádio. O objeto de estudo são as sete transmissões de partidas de futebol na Rádio Bandeirantes Porto Alegre, em 2020, em que dois comentaristas ligados a diferentes fases do comentário no rádio (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016), Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, estiveram juntos. O método empregado é a análise de conteúdo (BARDIN, 2002), com a qual foi buscada a organização do corpus, extraído de mais de 630 minutos de material. Tendo a compreensão histórica e conceitual do jornalismo esportivo (ALCOBA, 2005) e o detalhamento da relação técnica do rádio com o esporte (FERRARETTO, 2014), é compreendida a pertinência das transmissões de jogos de futebol para o meio, além da emergência da análise tática no comentário esportivo contemporâneo (GUIMARÃES, 2018). Assim, propõe-se uma categorização dos apontamentos táticos por parte do comentarista em (1) sistema tático, (2) táticas individuais e (3) táticas coletivas, com a divisão servindo como guia para as inferências ao longo da análise das transmissões. A pesquisa confirmou a pertinência do tema em meio às jornadas esportivas, e apontou para a necessidade de um cuidado ao usar a linguagem científica do jogo, não podendo ela se sobrepor a uma linguagem mais popular e conectada com o público geral.

**Palavras-chave:** Radiojornalismo Esportivo. Futebol. Comentário Esportivo. Análise Tática. Rádio Bandeirantes Porto Alegre.

## ABSTRACT

The present paper examines the relevance and the recurrence of tactical analysis in football in sports journalism stemming from radio commentary. The object of study are the seven broadcasts of football matches on Radio Bandeirantes Porto Alegre, in 2020, in which two commentators linked to different eras of radio commentary (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016), Gabriel Corrêa and Luis Henrique Benfica, were together. The method employed is content analysis (BARDIN, 2002), with which the organization of the corpus was sought, extracted from more than 630 minutes of material. Having the historical and conceptual understanding of sports journalism (ALCOBA, 2005) and the detailing of the radio-sports link (FERRARETTO, 2014), the relevance of football match broadcasts for the environment and the emergence of tactical analysis in contemporary sports commentary (GUIMARÃES, 2018) are conceptualized. Thus, a categorization of tactical notes by the commentator is proposed in (1) tactical system, (2) individual tactics and (3) team tactics, with the division being key to the inferences throughout the transmissions analysis. The research confirmed the relevance of the theme in the midst of sports broadcasts, and pointed out the need of being careful while using the sport's scientific language, which cannot overlap with a more popular language, connected with the general public.

**Keywords:** Radio Journalism. Football. Sports Commentary. Tactical Analysis. Rádio Bandeirantes Porto Alegre

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Tabela de pré-análise.....	46
--	----



## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1:</b> Ocorrência de análises táticas nas transmissões.....	71
<b>Gráfico 2:</b> Ocorrência das categorias dos apontamentos táticos.....	72

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Mecânica de cobertura de jornadas esportivas.....	22
<b>Quadro 2:</b> Método de análise tática em uma partida de futebol.....	36

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO</b> .....	<b>16</b>
2.1 Jornalismo esportivo e o rádio .....	16
2.2 Jornada esportiva .....	20
2.3 Fase de convergência do rádio .....	23
<b>3 COMENTÁRIO ESPORTIVO E ANÁLISE TÁTICA</b> .....	<b>28</b>
3.1 Comentário esportivo: a prática na fase de convergência .....	28
3.2 Análise tática no jornalismo e no comentário .....	33
<b>4 PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	<b>38</b>
4.1 Rádio Bandeirantes Porto Alegre e o esporte .....	38
4.2 Comentário e tática na Bandeirantes: Luis Henrique Benfica e Gabriel Corrêa .....	40
4.3 Análise de conteúdo .....	42
<b>5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS NAS JORNADAS ESPORTIVAS</b> .....	<b>45</b>
5.1 Internacional x Atlético Mineiro (22/08/2020) .....	46
5.1.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	47
5.2 Internacional x Athletico Paranaense (11/10/2020) .....	50
5.2.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	50
5.3 Sport x Internacional (14/10/2020) .....	52
5.3.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	53
5.4 Grêmio x Juventude (29/10/2020) .....	56
5.4.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	56
5.5 Grêmio x Red Bull Bragantino (02/11/2020) .....	59
5.5.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	59
5.6 Internacional x Coritiba (08/11/2020).....	63
5.6.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	63
5.7 Internacional x Botafogo (12/12/2020).....	67
5.7.1 <i>Tática nos comentários</i> .....	67
5.8 Apontamentos gerais .....	70
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>74</b>

<b>7 REFERÊNCIAS .....</b>	<b>77</b>
<b>GLOSSÁRIO DE FUTEBOL .....</b>	<b>80</b>
<b>APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>82</b>
<b>APÊNDICE B - ENTREVISTA COM GABRIEL CORRÊA, COMENTARISTA DA RÁDIO BANDEIRANTES EM 2020 (07/10/2021) .....</b>	<b>83</b>
<b>APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA .....</b>	<b>86</b>
<b>APÊNDICE D - ENTREVISTA COM LUIS HENRIQUE BENFICA, COMENTARISTA DA RÁDIO BANDEIRANTES (19/10/2021) .....</b>	<b>87</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O neologismo *tatiquês*, ainda que recorrentemente utilizado de maneira pejorativa, secciona essa que é a linguagem científica ligada à análise tática<sup>1</sup> do esporte. Por muitas vezes ligado a falas de treinadores e profissionais do futebol, o vocabulário tem atingido cada vez mais pessoas, sendo difundido em discussões sobre o jogo em redes sociais, em cursos da área e, conseqüentemente, no jornalismo. A presente pesquisa tem por objetivo entender de que maneira o apontamento tático contribui para o comentário esportivo na atualidade, tendo em vista o crescimento do tema em todos os âmbitos, em especial o da comunicação.

Ao longo de 2020, os jornalistas Luis Henrique Benfica, com 32 anos de carreira, e Gabriel Corrêa, com 27 anos de idade, participaram juntos de diversas transmissões pela Rádio Bandeirantes Porto Alegre. Por contar sempre com dois responsáveis pelos comentários em irradiações de partidas de futebol, a emissora propicia dinâmicas como o contraste entre a experiência e a juventude dos profissionais em questão, destacando-se em relação às demais rádios dentro da proposta do trabalho. Os profissionais têm afinidade com a área tática, mas apresentam trajetórias e conhecimentos distintos.

Enquanto o Benfica está vinculado profissionalmente ao jornalismo esportivo desde o final dos anos 1980, tendo passagens pelas rádios Guaíba e Gaúcha, Corrêa estuda para ser treinador, e, atualmente, trabalha em uma empresa que dá prioridade às questões estratégicas do jogo. Ambos, portanto, têm conhecimento e tratam de elementos táticos ao longo de transmissões, e o recorte para entender de que maneira constroem seus argumentos será feito justamente nas jornadas esportivas em que estiveram juntos em 2020. Ao todo, são sete partidas de futebol masculino profissional analisadas, todas com envolvimento da dupla Gre-Nal, com o foco nos comentários durante os 90 minutos de cada jogo.

Através do estudo das transmissões e de referências teóricas dos tópicos relacionados, serão buscados os objetivos específicos do trabalho, que são: (1) compreender a relevância dos apontamentos táticos no comentário na fase atual do rádio e no jornalismo esportivo; (2) delimitar os comentários dos jornalistas em questão ao longo de jornadas

---

<sup>1</sup>De acordo com Thiengo (2020, p. 19), tática é “a forma como os/as jogadores/jogadoras, por meio de seus posicionamentos e movimentações, ocupam e gerenciam os espaços do campo”, podendo ser situações de ordem individual ou coletiva.

esportivas em que estiveram juntos em 2020; (3) identificar os diferentes perfis dos profissionais estudados e suas visões sobre o tema; (4) analisar de que maneira se constroem os comentários e o conteúdo neles presente; (5) entender os limites do uso do *tatiquês* e a sua recorrência dentro do comentário esportivo no rádio.

O radiojornalismo esportivo é um tema recorrente em pesquisas mais recentes. Na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, trabalhos de conclusão de curso como *Os critérios de noticiabilidade na construção do programa Esporte & Cia, da Rádio Gaúcha* (2015), de Marina Pagno, e *Esporte & Cia: os valores-notícia no radiojornalismo esportivo durante as madrugadas da Rádio Gaúcha* (2019), de Kayan da Silva Moura, buscam a associação de teorias do jornalismo a um programa específico da área. Quanto às jornadas esportivas, é possível observar elementos de sua execução na monografia *Rádio e copa do mundo através das décadas: análise das coberturas da Rádio Guaíba dos mundiais de 1982 e 2010*, em que Rodrigo Martins de Oliveira, em 2011, comparou as transmissões de dois eventos futebolísticos mundiais em momentos distintos da história. O trabalho *Torcida ao microfone: as jornadas esportivas da Grêmio Rádio Umbro e da Rádio Colorada* (2019), de Renê da Silva Almeida, também analisa transmissões de jogos no rádio gaúcho — essas, especificamente, de veículos com relação próxima a apenas um dos clubes da capital gaúcha.

Tendo em vista a Rádio Bandeirantes de Porto Alegre, na monografia *Regras do radiojornalismo esportivo: os comentários de arbitragem nas rádios Gaúcha e Bandeirantes* (2014), Vicente Andrade de Carvalho estudou, entre outras questões, como o jornalista Chico Garcia, que trabalhava no veículo à época, preparava-se para comentar futebol como um profissional especializado em elementos da arbitragem. Outro trabalho em que a rádio foi tema, *Adulto contemporâneo com jornalismo: o formato da Band FM no período de 1985 a 1996* (2016), tratou das estratégias de programação da Bandeirantes em Porto Alegre na gestão de Edson Araújo, ainda que o esporte vigorasse com menor contundência na época, especialmente se comparado ao momento atual. Sobre a história da emissora, a monografia *Bandeirantes Esportiva em Porto Alegre* (2005), de Douglas Portal Ceconello, buscou quais elementos aproximaram a rádio ao viés esportivo nas últimas décadas. Estes foram alguns dos trabalhos, encontrados após pesquisa nos repositórios da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, da Universidade Luterana do Brasil e da Universidade de Passo Fundo, em que a Rádio Bandeirantes de Porto Alegre

apareceu como principal objeto de estudo. As jornadas esportivas do veículo, por sua vez, foram o foco apenas do primeiro, de Vicente Andrade de Carvalho.

Em relação ao comentário esportivo no rádio, Carlos G. S. Guimarães tem duas publicações pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul sobre o tema: *O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica* (2016), em que, juntamente de Luiz Artur Ferraretto, busca demarcar as características que diferenciam os períodos da história do rádio na capital gaúcha, e *O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência* (2018), com o foco na fase atual do comentário no rádio local, delimitado na pesquisa anterior. É neste trabalho, relativo à dissertação de mestrado, que o autor pontua sobre o crescimento de observações de cunhos técnico e tático sobre o jogo, sejam elas relacionadas a indivíduos ou a coletivos — tema não encontrado em outros trabalhos no estado dentro do jornalismo esportivo. Em outras unidades federativas do Brasil, há monografias que tratam especificamente do comentário no rádio, sem aprofundar, entretanto, no tema proposto por este estudo. Indo além, em *Aspectos argumentativos e o tópico discursivo na crônica esportiva* (2017), monografia da Universidade Estadual de Londrina que pode ser encontrada na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Djiovana Priscila Gonçalves trata da argumentação na crônica esportiva, um tópico chave para o comentário no rádio, ainda que seja uma análise mais ligada ao estudo da linguagem do que propriamente da comunicação. O fato de o crescimento dos apontamentos táticos sobre o jogo estar ligado à chamada fase de convergência do rádio brasileiro, que corresponde ao momento atual, é o que em parte explica a ausência de trabalhos específicos sobre o tema, bem como aponta para a necessidade de pesquisas na área.

Já que se busca compreender a construção dessa argumentação durante as transmissões, é preciso definir o jornalismo esportivo e compreender como ele avança historicamente no rádio, tendo em vista a relevância das jornadas esportivas para tal. É esse o tema do segundo capítulo do trabalho, em que é ilustrada a ascensão do esporte na sociedade, com sua consolidação ligada ao século XIX, além da relevância dos meios de comunicação no processo. Detalha-se que, primeiro, os jornais publicavam notas com resultados de determinados esportes, em uma linguagem que também foi utilizada nos primórdios do rádio. O jornalismo esportivo passou a ganhar forma, com profissionais sendo designados para

apresentarem os jogos e seus contextos com maior detalhe. No Brasil, é possível exemplificar esse momento com as primeiras irradiações de partidas de futebol, a partir de 1931.

As décadas seguintes também são demonstradas no segundo capítulo, com o esporte, representado majoritariamente pelo futebol, ganhando um destaque cada vez maior no rádio. Alcoba (1988; 2005), Coelho (2017) e Soares (1994) auxiliam na contextualização da relação entre o meio e o desporto, e apontam para a relevância que as transmissões esportivas conquistam nas programações das emissoras. Essas irradiações são detalhadas com apoio nos trabalhos de Ceconello (2005), Ferraretto (2014) e Guimarães (2018), sendo possível compreender a área histórica e tecnicamente. Desenvolve-se que, em meados dos anos 1950, as jornadas esportivas, como também são chamadas, passaram a ter uma estrutura em que profissionais são designados como narrador, repórter, comentarista e plantão — uma equipe que persiste até hoje em boa parte das rádios, e que tem sua apresentação necessária para a compreensão do papel do comentarista, a ser detalhado nos capítulos seguintes. Por fim, a segunda seção ainda destaca a fase de convergência do rádio, que corresponde ao período atual. A partir da pesquisa de Ferraretto e Kischinhevsky (2010), compreende-se o presente momento como uma consequência das novas tecnologias, que atribuem diferentes desafios ao rádio e seus profissionais. As ideias traçadas apontam para mudanças nos âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e de conteúdos, com alterações culturais também sendo determinantes para o cenário, algo que é detalhado por Jenkins (2009).

O terceiro capítulo versa sobre a figura do comentarista em meio às transmissões esportivas, com um foco nas suas incumbências no cenário atual do rádio. As obras de Marques de Melo (2003) e Traquina (2005) auxiliam na apresentação do jornalismo opinativo, já que esse jornalista tem sua principal função em uma jornada historicamente ligada à emissão de opiniões. Na contemporaneidade, as áreas informativa e interpretativa passaram a ser uma exigência ao profissional, e o trabalho de Guimarães e Ferraretto (2016) situa esse comentarista historicamente, aparecendo na terceira fase de uma divisão proposta a partir da trajetória da função no rádio de Porto Alegre. A divisão consiste em (1) fase da crônica esportiva; (2) fase do jornalismo esportivo e (3) fase do jornalismo esportivo convergente. A dissertação de mestrado de Guimarães (2018) entrega conceitos e práticas relacionadas a esse jornalista contemporâneo; e, entre as suas características, estão uma maior interação com a audiência e a aproximação com o campo do esporte. O segundo atributo trata, entre outros fatores, da análise tática — assunto de grande pertinência para o trabalho e que



também é destacado no capítulo, com ideias trazidas de Cecconi (2013) e Thiengo (2020), sendo contextualizado historicamente pela obra de Jonathan Wilson (2016). Os conceitos táticos utilizados por profissionais do futebol e pela imprensa são problematizados, com sua pertinência sendo discutida no trabalho. A seção ainda apresenta, a partir dos conceitos elencados e estudados, uma proposta para a divisão dos apontamentos táticos em três tipos: (1) sistema tático; (2) táticas individuais e (3) táticas coletivas.

O quarto capítulo detalha o percurso metodológico do trabalho, a ser executado na seção seguinte. Primeiro, é apresentada a história da Rádio Bandeirantes Porto Alegre, emissora cujas transmissões norteiam a posterior análise, a partir da monografia de Ceconello (2005). A história da empresa inicia nos anos 1930, com o surgimento da Rádio Difusora Porto-Alegrense, que, na década de 1970, foi adquirida pela Rede Bandeirantes. Também são retratados os profissionais e a grade da rádio no momento em que ocorreram as irradiações que representam o objeto de estudo — a segunda metade de 2020 e o início de 2021. Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica são dois dos componentes da equipe, e a trajetória de cada um é ilustrada a partir da realização de entrevistas, que buscam, além de compreender suas preferências e características, posicionar os comentaristas historicamente. Enquanto Corrêa nasceu e desenvolveu-se como um profissional ligado ao esporte já na fase do jornalismo esportivo convergente, Benfica tem sua carreira iniciando no momento anterior, e demonstra uma mescla dos elementos dessa conjuntura com exigências mais atuais em seus comentários.

A análise de conteúdo, metodologia escolhida para o trabalho, é apresentada a partir da obra de Bardin (2002), e tem sua pertinência ao estudo justificada por elementos apontados por Gil (2008). São demonstrados os processos realizados para a obtenção dos comentários presentes nas sete transmissões estudadas, bem como as posteriores tarefas de codificação, que envolve o recorte, a enumeração e a classificação, e, por fim, a categorização do material. A partir da definição de cada comentário e o momento em que ele se coloca no jogo como uma unidade de contexto, são determinadas as unidades de registro, que são os apontamentos táticos presentes na opinião, na interpretação e na informação compartilhada pelos comentaristas. No capítulo seguinte, o quinto, a metodologia é aplicada, e a seção subsequente compreende a conclusão, com os comentários de viés tático tendo destaque na leitura sobre o jogo realizada na atualidade. Identifica-se a necessidade da busca por conhecimento por parte do profissional, tanto a respeito da área científica que trata do jogo como da própria comunicação, a fim de que o tema seja retratado de modo correto e fiel.

## **2 RADIOJORNALISMO ESPORTIVO**

Não é possível analisar o comentário de futebol na Rádio Bandeirantes Porto Alegre sem entender de que maneira o conteúdo esportivo é trabalhado dentro do formato em questão. Por isso, o presente capítulo irá detalhar como jornalismo esportivo e rádio relacionam-se, introduzindo o histórico da área que trata do esporte no meio de comunicação até os dias atuais, dentro da chamada fase de convergência, e as transmissões de partidas de futebol.

### **2.1 Jornalismo esportivo e o rádio**

De histórias indissociáveis, jornalismo esportivo e rádio interligam-se em contextos e objetivos. Um objeto de grande importância de ambos é a notícia, cujo caráter de realidade transforma em “brilhantes” as coberturas do esporte (COELHO, 2017, p. 22). Por isso, não há apenas transmissões esportivas em veículos: há programas voltados para notícias, com predomínio de âncoras e repórteres, bem como mesas-redondas, em que a discussão e os debates são prioridades. Para alcançar tal importância, o esporte dependeu de uma massificação na sociedade, que só foi possibilitada pela forte relação com diferentes campos sociais, tendo a mídia como uma aliada nesse processo.

Jogos que, hoje, apresentam caráter competitivo e são profissionalizados têm, de acordo com Antonio Alcoba (2005, p. 15, tradução nossa), origens que merecem a atenção para que sejam plenamente compreendidos por jornalistas esportivos. Surgindo de maneira lúdica, as atividades não proporcionavam benefícios materiais aos seus jogadores, apenas físicos e mentais. Entretanto, elas receberam um grau de competitividade a partir do momento em que começou a se estabelecer um ganhador, e, conseqüentemente, padronizações e regras. O que apareceu como diversão passou a ser competição, virando, a partir do século XIX, “o entretenimento favorito dos cidadãos de todo o mundo” (ALCOBA, 2005, p. 29, tradução nossa). Em posição de relevância na sociedade, os esportes passaram a ter espaço nos meios de comunicação. Os responsáveis pelas primeiras publicações, porém, não podem ser chamados de jornalistas esportivos, já que não eram especializados no tema, e redigiam “notas sobre uma atividade praticada ou promovida pela alta sociedade” (ALCOBA, 2005, p. 48, tradução nossa). A lacuna existente no tratamento personalizado ao esporte e os inúmeros

leitores interessados no tema protagonizaram a consolidação dele como um gênero do jornalismo, ainda que o início tenha sido repleto de preconceitos.

Os primeiros jornalistas esportivos foram tomados como jornalistas de segunda, já que a área que tratavam estava ao alcance de qualquer caneta e qualquer um poderia levar a cabo a realização dessa informação. O novo gênero jornalístico não poderia ser comparado com outras editoriais fundamentais de um meio de informação: Internacional, Nacional, Local, Economia, Espetáculos... Para escrever sobre esses assuntos era preciso uma preparação e uma educação política, enquanto que, para comunicar e divulgar o tema esportivo, essa preparação não era necessária (ALCOBA, 2005, p. 65, tradução nossa).

No Brasil, a cobertura esportiva também foi subestimada em seus primórdios, no início do século XX. Antes que o futebol virasse o principal esporte do país, o posto era do remo, e acreditava-se que nem uma nem outra modalidade teria o poder suficiente para estampar as primeiras páginas dos jornais (COELHO, 2017, p. 7). Com o tempo, de acordo com Alcoba (2005), a perspectiva foi alterada, com o jornalismo esportivo demonstrando-se mais complexo do que o previsto. Se, antes, publicavam-se apenas os resultados dos jogos, com breves comentários, foi observado que era necessário ter análises sobre “o porquê do resultado, o jogo dos desportistas e o trabalho do técnico, e isso complicava a simples crônica ou o comentário de uma competição” (ALCOBA, 2005, p. 66, tradução nossa).

O fato de o número de modalidades esportivas ser grande faz com que essa área do jornalismo tenha outra especificidade em relação às demais. Os meios de comunicação necessitam de profissionais “superespecialistas, (...) que obtêm sua especialização a subgêneros dos subgêneros. Isso pode parecer confuso, mas já é uma realidade de gêneros específicos como o esporte” (ALCOBA, 1988, p. 207, tradução nossa). O exemplo do autor diz respeito aos Jogos Olímpicos, em que os diferentes esportes, as modalidades dentro de uma mesma divisão (como o atletismo e as competições de corrida e salto) e até as separações por gênero têm jornalistas “superespecializados” em veículos de comunicação. Por isso, Ferraretto (2014, p. 266) aponta qual deve ser o perfil de quem atua em coberturas esportivas: “Precisa não só gostar de esportes, mas conhecer regras e normas, compreendendo o que está sendo enfocado por ele”.

Tratando do presente e do futuro da comunicação, Alcoba (1988) apontou para os desafios do jornalismo especializado, que têm relação direta com a necessidade de um profissional relacionado exclusivamente ao esporte:

(...) é a informação cotidiana a mais transcendente, na qual o jornalista não pode ficar na improvisação, deve estar ciente de todas as fontes de algo que, podendo passar despercebido pelo resto dos cidadãos, e também de companheiros de profissão, é detectado por sua sagacidade e preparação no acompanhamento de temas próximos a todos (ALCOBA, 1988, p. 117, tradução nossa).

Como a divulgação dos resultados já era recorrente e parte do cotidiano, o cuidado com as informações precisaria ser ainda maior. Assim, o jornalista esportivo ganhou espaço nas redações, e, um pouco depois, publicações próprias. Foi o caso do *Jornal dos Sports*, no Brasil, criado em 1931 no Rio de Janeiro — o primeiro do país a tratar do esporte de maneira exclusiva. Três anos antes, em 1928, o jornal *A Gazeta* já possuía um suplemento denominado *A Gazeta Esportiva*, que acabou virando diário em 1947 (COELHO, 2017, p. 9). A situação do esporte no rádio, à época, era similar à dos veículos impressos, visto que, em grande parte do noticiário, “os locutores liam na íntegra e comentavam textos recortados do jornal” (SOARES, 1994, p. 17).

A primeira divulgação dos resultados de jogos no rádio, de acordo com Antônio Pedro Tota (1990<sup>2</sup>, p. 44 apud SOARES, 1994, p. 17), foi em abril de 1925, na Rádio Sociedade Educadora Paulista, de São Paulo, com “telegramas que eram lidos com os respectivos resultados dos jogos mais importantes”. À época, o futebol já era o principal esporte a nível de popularidade no país. Em 1931, ocorreu a primeira narração de um jogo de futebol no país, lance por lance, quando a radiodifusão estava no Brasil havia apenas nove anos. O jogo, segundo Soares (1994), foi entre as seleções de São Paulo e Paraná, na capital paulista, pelo VIII Campeonato Brasileiro de Futebol, transmitido pela mesma rádio que divulgou os resultados pela primeira vez, através do locutor Nicolau Tuma. No Rio Grande do Sul, a primeira transmissão também se deu em 1931: de acordo com Ferraretto (2007<sup>3</sup>, p. 478 apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 4), foi com Ernani Ruschel, que transmitiu a partida entre Grêmio e a seleção do Paraná, de vitória para os gaúchos por 3 a 1.

A partir da primeira transmissão completa de um jogo, os desafios para a cobertura das partidas iam além do formato, passando por questões de ordem técnica e de estrutura. Como havia a demanda, as empresas começaram a buscar equipamentos mais avançados para as narrações, o que colaborou com o desenvolvimento do jornalismo no rádio

---

<sup>2</sup> TOTA, Antônio Pedro. *A Locomotiva no Ar - Rádio e Modernidade em São Paulo*. São Paulo: PW Gráficos e Editores e Secretaria do Estado de São Paulo, 1990.

<sup>3</sup> FERRARETTO, Luiz Artur. *Rádio e capitalismo no Rio Grande do Sul: as emissoras comerciais e suas estratégias de programação na segunda metade do século 20*. Canoas: Editora da Ulbra, 2007.

de maneira geral no país (SOARES, 1994, p. 33). Um exemplo é a primeira transmissão diretamente da Europa, em 5 de junho de 1938, realizada pelo locutor Gagliano Neto. O jogo entre Brasil e Polônia, que terminou em uma vitória de 6 a 5 para os brasileiros, foi válido pela Copa do Mundo. As outras quatro partidas da seleção também foram irradiadas, todas para uma cadeia formada por rádios do Rio de Janeiro e de São Paulo<sup>4</sup>.

Renato Murce<sup>5</sup> descreve que “(...) o Brasil inteiro parou, nas ruas, em frente às lojas, em casa, em toda a parte, para ouvir as irradiações do Gagliano Neto”. Muitas pessoas que não tinham rádio se aglomeraram no Largo do Paissandu, em São Paulo, para acompanhar as narrações de Gagliano, ampliadas por alto-falantes (SOARES, 1994, p.33).

Nas décadas seguintes, o radiojornalismo esportivo seguiu tendo seu espaço nas programações de veículos no país. Um exemplo que realça a importância da área é o fato de o primeiro setor direcionado à cobertura esportiva ter surgido antes que fossem organizadas redações estruturadas de noticiário. A Rádio Panamericana, de São Paulo, implantou um Departamento de Esportes em 1947, “com uma equipe formada por locutores, comentaristas e repórteres para a cobertura diária dos eventos esportivos” (SOARES, 1994<sup>6</sup>, p. 59 apud FERRARETTO, 2014, p. 256), um ano antes de a Rádio Nacional do Rio de Janeiro criar um departamento de notícia através de Heron Domingues, o pioneiro do país. Outros formatos diferentes de transmissões de partidas, como mesas-redondas e noticiários direcionados ao esporte, também passaram a fazer parte de programações, tendo em vista uma cobertura diária para além dos jogos.

Em esportes de acompanhamento máximo por aficionados, como o futebol, qualquer situação, por ridícula que pareça, tem sua transcendência. Não esqueçamos que (...) além do resultado estão em jogo interesses econômicos e políticos que podem condicionar os resultados, classificações e também provocar alterações entre torcidas que, em momentos, enfrentam a clubes, cidades e países (ALCOBA, 2005, p. 69, tradução nossa).

As transmissões são um exemplo de como o interesse da audiência não está somente na objetividade do jogo, contendo, além de narrador e repórter, “o comentarista de futebol, responsável pela opinião dentro da chamada jornada esportiva” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 6). Relacionados exclusivamente com a modalidade, esses

<sup>4</sup> A cadeia das Emissoras Byington era formada pelas rádios cariocas Clube do Brasil e Cruzeiro do Sul, juntamente de Cosmos e Cruzeiro do Sul, de São Paulo (SOARES, 1994, p. 33).

<sup>5</sup> Radialista brasileiro (1900-1987) de vida ligada ao rádio, sendo ativo na manutenção da Rádio Sociedade, a primeira emissora do Brasil, além de ter criado a Rádio Nacional, em 1930 (disponível em <https://dicionariompb.com.br/renato-murce/dados-artisticos>).

<sup>6</sup> SOARES, Edileuza. A bola no ar: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994.

comunicadores recebem desafios que profissionais de outras áreas enfrentam com menor intensidade, entregando subjetividade às partidas e aos acontecimentos ligados ao esporte. Enquanto o jornalista esportivo, seja do rádio ou de outros meios, tem, de acordo com Alcoba (2005, p. 75, tradução nossa), a obrigação de ser neutro, mesmo que revele sua identificação com alguma instituição ou algum esportista, os torcedores “tendem a ser apaixonados e intransigentes”, além de perdoarem os pecados e não tolerarem a divulgação dos erros dos clubes e dos desportistas que acompanham. E é parte dessa paixão que move o esporte no rádio, que “continua sua imparável marcha de monopolizar espaços e programas esportivos, a ponto de deixar de lado programas tradicionais quando deve transmitir competições esportivas” (ALCOBA, 2005, p. 165, tradução nossa).

## **2.2 Jornada esportiva**

A transmissão de jogos no rádio é chamada de jornada esportiva. Ela é definida por Ferraretto (2014, p. 85) como a “irradiação baseada na descrição contínua e pormenorizada de um acontecimento esportivo. No caso brasileiro, o mais comum e frequente é a transmissão de jogos de futebol”. Hoje, as transmissões apresentam um formato bem definido, com variações menores de emissora para emissora. Antes que o modelo atual fosse consolidado, os profissionais da área passaram por dificuldades técnicas e de execução.

As primeiras transmissões esportivas eram marcadas pela precariedade. Além das dificuldades técnicas, as estruturas dos estádios de futebol eram rudimentares. Quando a jornada esportiva foi instituída no rádio brasileiro e, por assim dizer, popularizada e sistematizada, os estádios não possuíam cabines de transmissão. As narrações eram lineares e, em muitas vezes, com o locutor limitando-se apenas a descrever quem estava com a bola (GUIMARÃES, 2018, p. 54).

Com adaptações e evoluções que acompanharam não só as jornadas como o rádio de maneira geral, as transmissões se consolidaram na cobertura esportiva. Desde a já citada irradiação de 1931, na Rádio Sociedade Educadora Paulista, a primeira difusão de um jogo completo no país, o locutor era quem conduzia o espetáculo. Durante as décadas de 1930 e 1940, ele participava sozinho da transmissão, ou acompanhado de outro narrador, cada um responsável por uma metade do campo, já que os profissionais se localizavam na beira do campo, sem ter uma visão completa do jogo. Sem demais comunicadores, a jornada se limitava à partida em si: “nos intervalos, era comum a programação voltar para o estúdio, que completava o tempo com músicas de sucesso e comerciais. Ao término do segundo tempo, (...) a rádio retornava a sua programação rotineira” (CECONELLO, 2005, p. 23).

Em meio à precariedade, os profissionais faziam o possível para transmitir as partidas, uma situação que só foi mudar em meados dos anos 1950, quando o narrador passou a acompanhar jogos de futebol de uma cabine, em uma região mais alta dos estádios, facilitando a visualização do campo. Essa “subida”, juntamente com avanços tecnológicos, abriu espaço para outros jornalistas: “O comentarista passou a ser uma figura cotidiana nas transmissões. Os repórteres desenvolveram suas práticas, que perduram até hoje. E, por fim, introduziu-se a função de plantão esportivo” (GUIMARÃES, 2018, p. 55). Cada um dos envolvidos na jornada tem funções específicas não só no momento da partida, como também no dia a dia da empresa.

Após a instabilidade, as jornadas esportivas garantiram anos de sucesso e multiplicidade de oferta. No final da década de 1970, em todos os domingos, as rádios nas capitais do país davam show, como afirma Coelho (2017, p.28). O autor elenca as diversas opções que o ouvinte dispunha para acompanhar as transmissões de partidas de futebol na época, como as rádios Globo, Jovem Pan, Tupi, Record, Bandeirantes, Difusora e Capital em São Paulo. As jornadas também criavam estrelas: Osmar Santos, em 1977, foi da Jovem Pan para a Globo em uma transação envolvendo milhões, transformando-se no locutor mais bem remunerado do Brasil. Na mesma emissora, outro exemplo: “O repórter de campo que acompanhava Osmar Santos era Fausto Silva, o Faustão, que em 1989 chegou à TV Globo para comandar o programa dominical que está no ar até hoje<sup>7</sup>” (COELHO, 2017, p. 29).

A transmissão lance a lance de uma competição constitui-se no momento mais importante da cobertura esportiva em uma emissora de rádio. Nela, mesclam-se planejamento e improviso. Tudo que pode ser previsto com antecedência deve ser providenciado. A descrição do fato que se desenrola cabe ao narrador, cujo trabalho se complementa com a intervenção dos repórteres, dos comentaristas e, se houver, do plantão (FERRARETTO, 2014, p. 261).

Ferraretto (2014, p. 259) define as funções de (1) narrador, (2) comentarista, (3) repórter e (4) plantão esportivo na transmissão de um jogo:

- (1) **Narrador:** conduz a transmissão de um evento esportivo mesclando informação e emoção, entregando ao ouvinte uma visão do que acontece;
- (2) **Comentarista:** além de opinar, faz análises, considerações, sugestões e críticas do que está ocorrendo no evento esportivo;

---

<sup>7</sup> O apresentador Fausto Silva deixou a Globo em junho de 2021. Ele irá assumir um programa na Band, a partir de 2022, intitulado “Faustão na Band” (BARNEY, 2021).

- (3) **Repórter:** como repórter de campo nas transmissões, é o profissional da equipe mais próximo aos lances, podendo também estar nas arquibancadas, acompanhando a torcida e suas manifestações;
- (4) **Plantão esportivo:** é o responsável por entregar dados adicionais à transmissão, como detalhes sobre os clubes e jogadores que estão em campo ou informações relativas a eventos paralelos;

Em relação aos momentos de uma transmissão, Ferraretto (2014, p. 261-264) chama-os de mecânica de cobertura, dividindo em quatro fases:

**Quadro 1:** Mecânica de cobertura de jornadas esportivas

FASE	CARACTERÍSTICAS
<b>Abertura</b>	Comandado pelo narrador, marca o início do trabalho jornalístico, tendo como base um esquema previamente elaborado e apresentando tom de conversa informal. A abertura pode conter: (1) uma apresentação do ambiente do jogo, feito pelo narrador; (2) a escalação dos dois times, a arbitragem e outras informações básicas da partida através dos repórteres; (3) uma projeção feita pelos comentaristas a respeito da partida, tendo em vista a situação dos clubes que irão se enfrentar; (4) informações adicionais trazidas pelo plantão, como o retrospecto dos times; e (5) as reportagens, que são livres.
<b>O jogo em si</b>	Apela-se para a sensorialidade do ouvinte, descrevendo lance a lance do que ocorre no campo de jogo. O narrador se concentra no setor em que a bola está em disputa; enquanto o repórter detalha o lance de perto ao ouvinte. O comentarista analisa a partida, e o plantão agrega com informações complementares. No momento do gol, há um padrão: (1) a narração do lance; (2) as observações do repórter mais próximo do gol; (3) a análise do comentarista; (4) as informações do plantão acerca do gol e de quem o fez.
<b>Intervalo</b>	Os repórteres buscam entrevistar os jogadores, podendo intervir caso haja novidades. O narrador aciona o plantão esportivo com informações de outros jogos em paralelo. Além das opiniões dos comentaristas, também são reproduzidas manifestações de torcedores.
<b>Encerramento</b>	A situação para os repórteres é a mesma, correndo para entrevistar os atletas no campo. O plantão também fornece informações relativas à situação dos clubes após a partida, e os comentaristas analisam a partida. Há, novamente, a participação dos torcedores.

Fonte: Adaptado de Ferraretto (2014, p. 261-264)

Ainda no que tange à narração, Soares (1994, p. 61 apud FERRARETTO, 2014, p. 264) divide os profissionais em duas escolas — a denotativa e a conotativa. Na primeira, há uma descrição mais objetiva dos lances, com a emoção sendo entregue pela voz do narrador. Na escola conotativa, por outro lado, são utilizadas figuras de linguagem, gírias, metáforas e



jargões, como chamar a bola de “pelota” ou a marca do pênalti de “marca fatal”. É invariável que narradores da primeira escola utilizem elementos da segunda, mas é necessário, em todos os casos, que haja um cuidado com os exageros: “De certo modo, narrar o jogo significa animar o público. O exagero, no entanto, é prática condenável e inclui, não raro, a distorção dos fatos” (FERRARETTO, 2014, p. 266).

Em meio a uma transmissão, o cuidado com a linguagem é chave. Ruy Carlos Ostermann (1996<sup>8</sup>, p. 15 apud FERRARETTO, 2014, p. 257), um dos grandes nomes do rádio e do jornalismo esportivo no país, pontua: “O homem do rádio esportivo deve se emocionar e passar esta emoção para seu público, mas sabendo distinguir a paixão da emoção”. Para tal, é necessário um domínio das expressões possíveis dentro do jogo transmitido, um fluxo de palavras que, para Alcoba (2005), transforma o esporte em uma das atividades mais vivas da sociedade moderna:

O conhecimento da linguagem esportiva e seu modo de emprego é um assunto fundamental para qualquer jornalista esportivo e imprescindível para os especialistas em determinados esportes. (...) Portanto, é necessário conhecer sua evolução e ter presente que as palavras que hoje utilizamos para difundir a prática do esporte têm séculos de existência, o que confere à linguagem esportiva, usada pelos jornalistas, uma tradição que poucos idiomas possuem (ALCOBA, 2005, p. 114, tradução nossa).

### 2.3 Fase de convergência do rádio

Inovações tecnológicas e mudanças nos hábitos de consumo são características dos tempos atuais que, conseqüentemente, alteraram a forma de funcionamento dos meios de comunicação. O conceito básico de rádio, por exemplo, não é mais o mesmo. De acordo com Ferraretto (2014, p. 16), isso faz com que a definição ligada à tecnologia e às ondas eletromagnéticas dê lugar a uma ideia associada à linguagem.

Meio de comunicação que transmite, na forma de sons, conteúdos jornalísticos, de serviço, de entretenimento, musicais, educativos e publicitários. (...) na atualidade, a tendência é aceitar o rádio como uma linguagem comunicacional específica, que usa a voz (em especial, na forma da fala), a música, os efeitos sonoros e o silêncio, independentemente do suporte tecnológico ao qual está vinculada (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010<sup>9</sup>, p. 1.009-10 apud FERRARETTO, 2014, p. 19).

<sup>8</sup> I Seminário Internacional de Radiojornalismo. *Imprensa*, n. 15. São Paulo: Feeling, out. 1996.

<sup>9</sup> FERRARETTO, Luiz Artur, KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). *Enciclopédia Intercom de Comunicação*, v.1 (Dicionário brasileiro do conhecimento comunicacional). São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010.

A partir de uma proposta de periodização do rádio no Brasil realizada por Ferraretto (2012), é possível compreender que a conjuntura atual corresponde ao quarto estágio histórico do meio. A divisão se dá entre as fases de (1) implantação, (2) difusão, (3) segmentação e (4) convergência. No que concerne às três últimas, são considerados como marcos para sua delimitação a introdução de televisão aberta, receptor transistorizado e frequência modulada, e os meios e suportes que vieram na sequência, telefonia móvel, internet e tecnologias derivadas (FERRARETTO, 2012, p. 6). As mudanças tecnológicas fazem parte da transformação dos meios, mas esse é um processo com mais fatores, como a interação entre pressões políticas e de concorrência, que pode ser explicado pelo termo *midiamorfose*, cunhado e detalhado por Roger Fidler (1998<sup>10</sup>, p. 57 apud FERRARETTO, 2012, p. 7): “(...) novos meios não surgem por geração espontânea, nem de modo independente. Aparecem gradualmente pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas (...), as antigas não deixam de existir, mas continuam evoluindo e se adaptando”.

A (1) *fase de implementação* corresponde ao período entre o final dos anos 1910 e a segunda metade da década de 1930, em que o rádio teve sua chegada ao Brasil impulsionada pelo interesse econômico de indústrias eletroeletrônicas dos Estados Unidos, que buscavam mercados distintos para ampliar seu lucro (FERRARETTO, 2012, p. 8). O meio iniciou sua consolidação no país sendo ligado à elite brasileira, e tendo “pretensão educativo-cultural, incluindo, além de música gravada e ao vivo, até mesmo palestras de cunho científico (FERRARETTO, 2012, p. 9). Para a manutenção financeira do rádio, a burguesia articulou clubes e sociedades, recebendo através do pagamento de mensalidades.

A (2) *fase de difusão* tem como marco a regulamentação da publicidade no rádio, no início da década de 1930, indo até a segunda metade dos anos 1960. Ela permitiu que o modelo de financiamento das irradiações fosse ligado à exploração comercial do espaço, fazendo com que as emissoras se estruturassem como um negócio comunicacional (FERRARETTO, 2012, p. 11). Foram diversos os exemplos de sucessos comerciais, muitos deles dirigidos por empresários que, segundo Renato Ortiz (1994<sup>11</sup>, p. 48 apud FERRARETTO, 2012, p. 12), citando Fernando Henrique Cardoso (1972), caracterizam-se

---

<sup>10</sup> FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**: comprender los nuevos medios. Buenos Aires: Granica, 1998.

<sup>11</sup> ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

como *capitães da indústria*, pautando-se por decisões instintivas e pela obtenção de favores governamentais para manter o negócio.

Na segunda metade dos anos 1940 e na década seguinte, são exemplos: as rádios Tupi, do Rio de Janeiro e São Paulo, e a Farroupilha, de Porto Alegre, pertencentes a Assis Chateaubriand, principal empresário de comunicação da época; Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, ligada à família de mesmo nome; e a Record, de São Paulo, de Paulo Machado de Carvalho, proprietário das Emissoras Unidas, que incluem, ainda, Bandeirantes, Excelsior, Panamericana e São Paulo (FERRARETTO, 2012, p. 12).

Com a introdução da televisão no Brasil, tem início a (3) *fase de segmentação*, entre o final dos anos 1950 e o início do século XXI. É um momento em que o rádio se reestrutura, com o comunicador buscando uma aproximação com o ouvinte a partir de uma conversa constante e coloquial (FERRARETTO, 2012, p. 14). Era uma forma de se distanciar da TV, que passou a liderar o mercado da comunicação, e aproveitar vantagens da transistorização — tecnologia que permitiu a comercialização de receptores portáteis, como o radinho de pilha, e também uma transmissão mais móvel por parte das emissoras. Outras características, como o desenvolvimento de novas modalidades de radiodifusão sonora (comunitária, educativa, estatal e pública) também fazem parte do período (FERRARETTO, 2012, p. 17).

A partir de meados dos anos 1990 até os dias atuais, com a consolidação da telefonia celular e da internet no país, caracteriza-se a (4) *fase de convergência*. Para a melhor compreensão do cenário, Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 176) conectam, ao rádio no geral, quatro âmbitos estabelecidos em um estudo espanhol sobre a fase de convergência do jornalismo<sup>12</sup>: *tecnológico, empresarial, profissional e dos conteúdos*. No primeiro deles, *tecnológico*, consideram-se os meios de produção, distribuição e recepção do conteúdo radiofônico, que foram fortemente alterados. A mudança não é nova à esfera, que já viu os discos de vinil darem lugar a CDs (*Compact Discs*), mas a migração do material para o computador praticamente inutilizou as mídias físicas, “acarretando, do ponto de vista empresarial, maior produtividade” (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010, p. 177). Para Henry Jenkins (2009, p. 41), essas são as chamadas tecnologias de distribuição, que apenas tornam-se obsoletas e são substituídas, diferentemente dos meios de comunicação, que

---

<sup>12</sup> Trata-se do projeto *Convergencia Digital en los Medios de Comunicación en España (2006-2009)*, desenvolvido por um grupo de 24 pesquisadores espanhóis com apoio do Ministério da Educação e Ciência do país (FERRARETTO; KISCHINHEVSKY, 2010, p. 176).

“persistem como camadas dentro de um estrato de entretenimento e informação cada vez mais complicado”.

O segundo âmbito, *empresarial*, tem em vista os grupos que controlam os meios de comunicação. A tendência observada a partir dos anos 1970 foi a de uma forte concentração de rádios em grupos com jornais e estações de TV, e, com a internet, conexões com conglomerados internacionais, causando uma reformulação na radiodifusão sonora (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010, p. 177). Essa relação entre diferentes meios e veículos proporciona um ambiente favorável à cultura da convergência.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando (JENKINS, 2009, p. 30).

Mesmo com tantas mudanças técnicas, essa cultura de convergência em que vivemos não se refere à questão tecnológica, mas sim a “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 30).

Por *profissional*, o terceiro item, entende-se a rotina e as relações de trabalho no ambiente multimídia. Assim, uma das características apresentadas pelo rádio na fase de convergência é o acúmulo de funções, com a exigência de que os profissionais operem diferentes mídias. Ferraretto e Kischinhevsky (2010, p. 177) ilustram a situação com repórteres que acabam editando suas próprias reportagens, ao invés de profissionais da área técnica, e também os apresentadores que comandam, diretamente de seus postos, as entradas de comerciais, vinhetas e reportagens gravadas anteriormente.

Verifica-se, ao se analisar o âmbito profissional, que radialistas e jornalistas têm sido submetidos, nas emissoras comerciais, a regimes abusivos de plantão, sem compensação em termos de folgas ou pagamento de horas extras, além de sofrerem com a baixa remuneração e com o acúmulo de funções (FERRARETTO, KISCHINHEVSKY, 2010, p. 177).

Quanto ao último âmbito, *dos conteúdos*, detalha-se a produção de conteúdos com linguagens e formatos propiciados pelas novas formas de difusão. A transmissão por vídeo de programas radiofônicos através de plataformas como *Facebook*, *Twitter* e *YouTube* é um exemplo, bem como a disponibilização deles em ferramentas de áudio, como o *Spotify*, no

formato de podcast. As diferentes plataformas de mídia propiciam uma multiplicidade de conteúdos ao consumidor, mas também podem trazer malefícios às empresas.

Por um lado, a convergência representa uma oportunidade de expansão aos conglomerados das mídias, já que o conteúdo bem-sucedido num setor pode se espalhar por outras plataformas. Por outro lado, a convergência representa um risco, já que a maioria dessas empresas teme uma fragmentação ou uma erosão em seus mercados. Cada vez que deslocam um espectador, digamos, da televisão para a Internet, há o risco de ele não voltar mais (JENKINS, 2009, p. 47).

É possível ilustrar a fase de convergência do rádio, na qual um profissional acumula diferentes funções ao mesmo tempo em que precisa dominar diferentes meios de mídia, com um exemplo trazido por Coelho (2017, p. 29): na Copa do Mundo de Futebol de 2002, em que os direitos de transmissão custavam cerca de vinte milhões de dólares, a emissora de rádio Jovem Pan, mesmo sendo a mais popular da capital paulista, optou por não comprar a licença para transmitir os jogos. A empresa deixou a cobertura nas mãos do repórter Vanderlei Nogueira, cuja credencial era fornecida pelo portal Terra, de internet. A situação empresarial também ficou clara, visto que, neste exemplo, a Rádio Globo e a Bandeirantes gastaram o dinheiro necessário, duas empresas ligadas a grupos que também possuíam TV. Situações como essa são consequências da conjuntura financeira do meio nos dias atuais, refletida no mercado de trabalho no âmbito do rádio esportivo: “No passado, a grande oportunidade de trabalho para quem gostava de esportes; hoje as estações tocam futebol e notícias. Mas não tocam ninguém que busque estabilidade financeira” (COELHO, 2017, p. 34).

### 3 COMENTÁRIO ESPORTIVO E ANÁLISE TÁTICA

#### 3.1 Comentário esportivo: a prática na fase de convergência

A opinião, no Brasil, faz parte do jornalismo desde antes do século XIX: até passarem a se basear em fatos, as notícias partiam de opiniões, o que conferia um caráter parcial e propagandista a elas (TRAQUINA, 2005, p. 34). O surgimento da “penny press” agrega um valor comercial à imprensa, com os jornais aparecendo como formas de lucro, o que modificou a estrutura do negócio.

Assim, no século XIX, verificamos a emergência de um novo paradigma – informação, não propaganda – que é partilhado entre os membros da sociedade e os jornalistas; a constituição de um novo grupo social – os jornalistas – que reivindica um monopólio do saber – o que é notícia; e a comercialização da imprensa – a informação como mercadoria, visível com o surgimento de uma imprensa mais sensacionalista no fim do século (TRAQUINA, 2005, p. 34 e 35)

A partir da comercialização da imprensa, surge também a profissionalização dos jornalistas. Assim, gêneros do jornalismo como o opinativo ganham um novo caráter, associando-se às informações e buscando a imparcialidade. Essa tendência foi vista no mundo todo, principalmente por já ser entendido que havia uma distinção entre notícia e informação. Como pontua José Marques de Melo (2003), Samuel Buckeley, editor do *Daily Courant*, diário inglês do século XVIII, já classificava os textos do seu veículo entre *news* (notícias) e *comments* (comentários).

Dentro desse gênero opinativo, há diferentes categorizações: comentário, artigo, resenha e editorial. Os três primeiros são compreendidos por uma autoria clara, enquanto o último aparece como uma opinião institucional (MARQUES DE MELO, 2003, p. 66). Sobre o comentário, entende-se que se estrutura segundo uma angulação temporal, exigindo “continuidade e imediatismo”, algo que não é visto em resenhas e artigos, que possuem diferentes propósitos: “o primeiro, embora frequente, descobre os valores de bens culturais, e o segundo, embora também contemple fenômenos diferentes, não se caracteriza pela frequência, aparecendo aleatoriamente” (MARQUES DE MELO, 2003, p. 67).

No rádio, a opinião através do comentário, contínuo e imediato, é mais do que recorrente, chegando a ser o fio condutor de programas como as mesas-redondas, um “tipo tradicional de programa radiofônico que procura aprofundar temas da atualidade, interpretando-os” (FERRARETTO, 2014, p. 85). A relevância do gênero dentro do meio de

comunicação também pode ser explicada pela presença, em transmissões esportivas, de um profissional dedicado a, entre outras incumbências, emitir opiniões: o comentarista esportivo. Associando diferentes definições e conjunturas, Guimarães (2018), descreve a função:

(...) com diferentes formatos adotados ao longo dos tempos, alterações de predominância de gênero jornalístico adotado em forma e conteúdo e diversidade de estilos, é possível conceituar o comentarista esportivo, diante de uma transmissão, é o responsável pela tradução dos acontecimentos do jogo por diferentes aspectos, com filtro jornalístico que serve como base para sua análise, levando em conta, por fim, seus juízos de valores pessoais (sua opinião) (GUIMARÃES, 2018, p. 73).

Para situar o profissional no contexto atual do rádio, é necessário compreender as diferentes características de sua prática ao longo da história. Guimarães e Ferraretto (2016, p. 4) propõem, através do comentário esportivo em Porto Alegre, uma divisão em três fases: primeiro, a (1) *fase da crônica esportiva*, seguida pela (2) *fase do jornalismo esportivo* e, por último, a (3) *fase do jornalismo esportivo convergente*. A figura do comentarista não estava presente em transmissões desde os primórdios: nas primeiras irradiações, nas décadas de 1930 e 1940, os locutores conduziam as jornadas praticamente sozinhos.

A partir da década de 1950, já é possível situar a (1) *fase da crônica esportiva*. Na época, o responsável pelos comentários “tinha uma função que não era prioritariamente a de analisar os procedimentos táticos e o desenvolvimento técnico de uma equipe” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 5). O futebol já vinha ganhando um espaço de destaque na programação das rádios depois da Copa de 1950, mesmo com o Brasil terminando a competição derrotado. A conquista do Mundial de 1958, na Suécia, deu novo ânimo ao interesse pelas irradiações esportivas, transformando em uma necessidade a presença de um profissional responsável por analisar o jogo diretamente do estádio (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 6). Foi também o momento da transistorização do rádio, o que permitiu, inclusive, que os aparelhos fossem levados ao estádio pelo público, aproximando ainda mais o torcedor com o meio de comunicação.

Em Porto Alegre, na década de 1950, alguns profissionais como Aurélio Reis, Manoel Godoy de Bezerra, Samuel Madureira Coelho e Enio Melo já apareciam como comentaristas esportivos no rádio. Era um período no qual, segundo Guimarães e Ferraretto (2016), o comentário radiofônico não possuía linguagem própria, tendo relações próximas com palavrados de revistas e jornais, além de um relato romântico, de construção de palavras: “Pode-se supor que o comentário esportivo em Porto Alegre nos anos 1950

inclina-se para a crônica, procurando, sem o rigor formal do texto jornalístico mais contemporâneo, explicar as questões táticas e técnicas do jogo” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 7). Por crônica, no rádio, entende-se uma abordagem sobre um assunto com um toque pessoal, sem dogmatismo e, às vezes, deixando o rigor formal de lado (FERRARETTO, 2014, p. 226).

A partir de meados dos anos 1960, define-se a (2) *fase do jornalismo esportivo*. Referido anteriormente como um dos grandes nomes do jornalismo esportivo no país, Ruy Carlos Ostermann foi determinante para a ruptura na prática do comentário esportivo, sendo o responsável pela criação de uma estrutura que entregou um “tratamento jornalístico ao espaço de opinião da jornada, com coleta de dados em uma planilha do jogo para organizar a sua análise” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 8).

Assim, o gênero opinativo, que caracterizava as intervenções dos comentaristas, começou a se mesclar com o informativo e com o interpretativo. Por informativo, pode-se entender o gênero que está ligado a reportagens com “esforço analítico e documental” que procura situar o cidadão diante de acontecimentos (MARQUES DE MELO, 2003, p. 47); enquanto o gênero interpretativo, que também pode estar associado ao informativo, é definido como “um modo de aprofundar a informação”, a fim de “relacionar a informação da atualidade com seu contexto temporal e espacial” (DIAS et al, 1998<sup>13</sup>, p. 8 apud COSTA, 2010, p. 66). Muito disso se deu pela ascensão das transmissões de partidas de futebol pela televisão, entregando relevância à informação e à interpretação dos fatos, já que a imagem do jogo, antes, “passava apenas pelo imaginário do torcedor – muitas vezes, como uma mera corroboração da opinião do comentarista por uma simples ausência de elementos que pudessem dar ao público a sua visão do acontecimento” (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 9). A partir de Ostermann, outros comentaristas passaram a ter destaque em Porto Alegre:

Ruy Carlos Ostermann e Lauro Quadros praticamente dominavam o comentário esportivo no rádio comercial de Porto Alegre nos anos 1970 e 1980. Na época, também se destacam comentaristas com perfil de torcedor – caso de Paulo Sant’Ana, identificado com o Grêmio Foot-ball Porto-alegrense, e Kenny Braga, com o Sport Club Internacional – e/ou diretamente relacionados com o esporte – caso dos ex-dirigentes Ibsen Pinheiro, Cid Pinheiro Cabral e Cláudio Cabral ou do ex-técnico Osvaldo Rolla, o Foguinho. A maioria destes profissionais passaria pelo microfone

<sup>13</sup> DIAS, Paulo da Rocha et al. Gêneros e formatos na comunicação massiva periodística: um estudo do jornal “Folha de S. Paulo” e da revista “Veja”. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 21., 1998, Recife. **Anais...** São Paulo: Intercom, 1998. 1-23.



da Rádio Gaúcha, que, desde 1986, passa a liderar o segmento de jornalismo, ocupando, guardadas as diferenças de cada época, a posição anteriormente da Guaíba (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 9).

A partir da segunda metade dos anos 1990, com as já citadas mudanças tecnológicas e de consumo, as rádios com coberturas esportivas passaram a se adaptar às novas realidades. É o que caracteriza o início da (3) *fase do jornalismo esportivo convergente*, em um cenário em que o negócio é preponderante, com o rádio esportivo tendo seu espaço no universo radiofônico nacional, segundo Guimarães (2018, p. 52), por haver a demanda por parte da audiência, além das alterações provocadas pela cultura da convergência:

A ideia é, portanto, de estabelecer o rádio esportivo como um negócio dentro do negócio: inserido no segmento de jornalismo, como uma editoria específica, mas que possui particularidades. (...) É uma editoria específica, especializada, que, no rádio, funciona também como um estímulo ao imaginário e com vertentes que se afastam do jornalismo tradicional, como a idealização do jogo, a narrativa da batalha simbólica e o conteúdo que evoca, entre outras coisas, o lado passional do ouvinte (GUIMARÃES, 2018, p. 53).

Neste âmbito, segundo Guimarães e Ferraretto (2016, p. 10), o comentarista esportivo é desafiado a se especializar para ser capaz de detalhar a partida, já que há novas demandas por parte do ouvinte. Para identificar o comentarista esportivo no âmbito contemporâneo, Guimarães (2018, p. 116) levanta os seguintes parâmetros: relação com a audiência criativa, análise do jogo baseada em dados, aproximação com o campo do esporte (a ser tratada no próximo subcapítulo) e utilização de outros gêneros jornalísticos além do opinativo.

Além de uma maior interação com os jornalistas, o público ganha poder para, assim como o profissional, opinar sobre a partida em meios como as redes sociais, e é isso que caracteriza a relação com a audiência criativa. Manuel Castells (2015<sup>14</sup>, p. 186) define a audiência criativa como “uma audiência ativa que molda seu significado ao contrastar suas experiências com os fluxos unilaterais de informação que ela recebe” (apud GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016, p. 10). Há, portanto, uma condição de mutualismo: existe a demanda por jornadas esportivas por parte do público, o que mantém o jornalismo esportivo como uma editoria específica e de relevância no rádio atual, e esse mesmo público acaba alterando as práticas por parte dos profissionais, em especial os comentaristas, que se utilizam de novos elementos para a composição de suas opiniões, informações e interpretações no ar.

---

<sup>14</sup> CASTELLS, Manuel. O poder da comunicação. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

A análise do jogo baseada em dados, por sua vez, não é nova no comentário esportivo. Entretanto, tecnologias que facilitam a captura e a divulgação deles apresentam um acesso cada vez mais universal. Ferramentas como *SofaScore*, *365Scores* e *WhoScored* podem ser acessadas gratuitamente, por aplicativos para celular ou pelo navegador da internet, e entregam dados que, por muitas vezes, corroboram análises feitas por comentaristas, além de expandir as métricas possíveis para a análise. Um exemplo é a posse de bola, que mostra a porcentagem equivalente a quanto cada equipe teve o controle da bola durante uma partida: “É um índice que não era comum ser revelado em outros momentos da trajetória do comentarista esportivo. Trata-se de uma informação possível apenas com a ajuda eletrônica” (GUIMARÃES, 2018, p. 96). Por utilização de outros gêneros além do opinativo, entende-se a perspectiva já apresentada na *fase do jornalismo esportivo*, em que os gêneros interpretativo e informativo passam a fazer parte dos comentários, mas com maior incidência por conta da infinidade de informações, objetivas ou não, que é possível extrair do jogo em si na atualidade.

Com a hipótese de que “há um comentarista esportivo contemporâneo que se caracteriza por práticas que diferenciam o período de outros na linha do tempo do rádio esportivo de Porto Alegre”, Guimarães (2018, p. 115) elenca, em seu trabalho, nove comentaristas esportivos de Porto Alegre, analisando o conteúdo de seus comentários durante transmissões e entrevistando-os. As rádios que, à época, compreendiam os profissionais escolhidos são a Bandeirantes, a Gaúcha, a Grenal e a Guaíba. A partir do material colhido e analisado, o autor infere que “o comentário contemporâneo existe, mas não é adotado por todos os profissionais. Cabe dizer, portanto, que não é um modelo ainda hegemônico” (GUIMARÃES, 2018, p. 167). Não há um padrão claro, mas é possível observar que existe uma inclinação para os parâmetros que definem o profissional contemporâneo em boa parte dos analisados.

Há tensões entre as fases. De um lado, profissionais mais antigos, como Adroaldo Guerra Filho, acreditam que este modelo pode afastar ouvintes, por considerar o futebol um esporte popular e exigir uma linguagem de fácil assimilação ao público. De outro, Gustavo Fogaça representa todas as características deste padrão. Este profissional afirma que é uma tendência irreversível, provocada justamente pela convergência e com as características bem impregnadas (GUIMARÃES, 2018, p. 167).

Os dois comentaristas citados representam diferentes pólos dentro dos profissionais analisados. Adroaldo Guerra Filho, conhecido como Guerrinha, começou a

trabalhar no rádio nos anos 1970, durante a fase do jornalismo esportivo, e é comentarista na Rádio Gaúcha. De acordo com Guimarães (2018, p. 137), seus comentários “não se encaixam no que se classifica como comentarista contemporâneo”, denotando uma postura mais conservadora. Gustavo Fogaça, por outro lado, surgiu no jornalismo já em meio à fase convergente, representando o oposto de Guerrinha. Ligado, à época, a conteúdos digitais da Rádio Gaúcha, o profissional representa “o sentido mais claro de comentário contemporâneo” (GUIMARÃES, 2018, p. 140), preenchendo todos os quatro parâmetros levantados pelo autor para a determinação do comentarista esportivo “moderno”.

### **3.2 Análise tática no jornalismo e no comentário**

A aproximação com o campo do esporte é um dos elementos considerados por Guimarães (2018, p. 116) na determinação do comentarista esportivo contemporâneo. É um item que trata de aspectos presentes em todo jogo de futebol, e que precisam ser compreendidos pelo profissional que irá analisá-lo: estratégia, tática e modelo de jogo. Garganta (1997<sup>15</sup>, p. 41) detalha a diferença entre os dois primeiros, entendendo-se que a estratégia é o plano para alcançar determinada finalidade, enquanto a tática é a maneira que se atinge a finalidade (apud GUIMARÃES, 2018, p. 97-98). Já o modelo de jogo refere-se ao conjunto de referências táticas que influenciam os princípios de jogo de cada equipe (THIENGO, 2020, p. 32).

É possível, portanto, presumir o fim (estratégia) de uma equipe, mas é através do meio (tática) que se compreende o modelo de jogo (conjunto de táticas) e, também, o próprio fim, o que confere uma posição de destaque à análise tática dentro de uma partida. Presente no futebol desde que ele surgiu, o conceito jamais pode ser dissociado do jogo em si. Mesmo que a concepção tenha sido reconhecida e discutida a partir do final da década de 1920, a noção de que a organização dos jogadores em campo tinha um impacto na prática do futebol existe desde os anos 1870 (WILSON, p. 25). A noção de tática, porém, vem após o estabelecimento de regras no jogo:

Mesmo no final do século XIX, quando as primeiras formações começaram a aparecer, ainda era raro que fossem objeto de reflexão. Na época das origens do futebol, a noção abstrata de tática, ou quadros com setas e letras xis, era quase inconcebível. O desenvolvimento do jogo, contudo, é bastante instrutivo naquilo que revela sobre a mentalidade em torno do futebol, sobre o despercebido e muitas vezes

---

<sup>15</sup> GARGANTA, Júlio. Modelação tática do jogo de futebol: estudo da organização da fase ofensiva em equipas de alto rendimento. Porto: Universidade do Porto, 1997.

não reconhecido emaranhado do qual resultaram as concepções britânicas a respeito de como ele deveria ser jogado (WILSON, p. 25).

Cecconi (2013) pontua que o termo “tática” vem da literatura bélica, algo que busca relacionar o futebol com uma guerra. “A organização no futebol apropriou-se do planejamento bélico pela evidente analogia: há duas tropas formadas por onze guerreiros distribuídos de forma inteligente e com atribuições definidas para sobrepujar o oponente” (CECCONI, 2013, p. 4). Assim, entende-se por tática a maneira que os jogadores estão posicionados em campo, em diferentes momentos do jogo, e como eles se portam diante de determinadas situações, calculadas ou não. A análise destes detalhes do jogo é feita por diferentes agentes: desde o técnico, que aponta aos seus jogadores a maneira que gostaria que se comportassem em determinada partida, até o jornalista, que lê, de fora, o jogo, e apresenta sua opinião a partir dessa leitura. “O discurso do técnico e o do jornalista, embora baseados nos mesmos conceitos teóricos, têm características próprias, porque não se dirigem ao mesmo público” (CECCONI, 2013, p. 8). Apesar de a teoria ser a mesma, a prática é diferente, o que confere uma complexidade para a inserção de análises em comentários durante jogos.

Para Coelho (2017, p. 23), dentro do jornalismo, a análise tática faz com que o torcedor fanático se arrepie da mesma maneira que o faz com um relato perfeito sobre uma partida. A leitura do jogo, em forma de interpretação e informação, é tão importante quanto a opinião em uma transmissão esportiva. Para tal, é necessário que o profissional entenda seu papel de comunicador, e evite causar estranhamentos ao ouvinte. Um deles recebeu, recentemente, um nome, e tem sido tratado como algo negativo: o *tatiquês*. Derivado de outro neologismo, o *juridiquês*, ele pode ser descrito como um uso desnecessário de termos técnicos e acadêmicos do futebol. Muitas das vezes, os criticados por utilizá-los são os treinadores, em entrevistas. Tite, técnico da seleção brasileira, é um dos principais alvos:

No momento em que Tite sentou para a entrevista coletiva após o empate da seleção brasileira contra o Paraguai, no fim de março, o técnico certamente não previa que, ao menos por uma semana, seria criticado mais pelo vocabulário utilizado do que pelo desempenho da equipe em campo. O termo “externo desequilibrante”, equivalente ao ponta driblador, causou a revolta de alguns analistas e de muitos torcedores, incomodados com a forma rebuscada com a qual o treinador procurou explicar os aspectos do jogo (RODRIGUES; ASSIS, 2019).

Se o uso de termos táticos por parte de profissionais do futebol pode gerar a antipatia de torcedores, jornalistas também precisam se atentar aos vocábulos. Ao profissional da mídia, cabe compreender que “a essência da análise tática aplicada ao jornalismo está na

compreensão dos movimentos do jogo” (CECCONI, 2013, p. 7), mas que tais movimentos possuem conceitos e porquês. Dentro das definições básicas estão a divisão do jogo em quatro momentos (THIENGO, 2020): organização ofensiva, quando a equipe ataca de forma elaborada, organização defensiva, quando a equipe defende de maneira elaborada, e as transições ofensiva e defensiva, que representam, respectivamente, o momento após a retomada da bola e após a perda dela. Há, ainda, um quinto momento, que é a bola parada, quando “a bola é recolocada em disputa após ter saído ou estar parada sobre o campo de jogo” (THIENGO, 2020, p. 20), como em escanteios e faltas.

Para buscar conhecimento acerca de termos e explicações que permeiam a tática, jornalistas têm recorrido a cursos ligados à Educação Física, como os oferecidos pela Universidade do Futebol<sup>16</sup>. A CBF (Confederação Brasileira de Futebol) possui seu braço acadêmico, a CBF Academy, que também oferece formações na área. Um dos documentos produzidos pela instituição, o *Glossário do Futebol Brasileiro*, de autoria de Carlos Thiengo (2020), reúne explicações sobre conceitos que compreendem o jogo de futebol, com ênfase nas dimensões técnicas e táticas. O material, inclusive, servirá de guia para a análise de conteúdo presente nos capítulos seguintes, já que tem um detalhamento abrangente sobre termos e ideias:

São as palavras utilizadas no meio da bola para construir o futebol, são os termos mais comuns utilizados no cotidiano futebolístico, que, no caso do futebol brasileiro, devido a sua extensão territorial e cultural não homogênea, em função da vasta cultura brasileira, por muitas vezes, divergem quanto ao seu significado (TORRES, 2020 apud THIENGO, 2020, p. 02).

A identificação de padrões e conceitos dentro do jogo feita por jornalistas requer um cuidado semântico, já que o público com que se dialoga não tem o mesmo conhecimento de termos técnicos e táticos derivados da Educação Física. Isso faz com que a análise em si tenha de ser dominada pelo comentarista, a fim de que as comparações e os sinônimos utilizados em leituras sejam, ao mesmo tempo, precisos conceitualmente e comuns ao ouvido do público. Cecconi (2013, p. 59) elaborou um método de análise, exposto no **Quadro 2**, que “não é a verdade absoluta, tampouco é acadêmico ou dogmático”, mas que apresenta um compilado pertinente de conceitos e padrões, tendo a maneira de captá-los bem elucidada para jornalistas.

---

<sup>16</sup> Criada em 2003, a Universidade do Futebol é uma instituição que estuda, pesquisa, produz, divulga e propõe mudanças nas diferentes áreas e setores relacionados ao universo do futebol.

**Quadro 2:** Método de análise tática em uma partida de futebol

O QUE ANALISAR	COMO ANALISAR
<b>Identificar o posicionamento inicial de cada jogador</b>	Para observar onde cada atleta se posiciona originalmente em campo, a dica é aguardar o momento em que a equipe está se defendendo. Uma situação comum em que isso ocorre é o tiro de meta adversário, quando os jogadores .
<b>Estabelecer o sistema tático base</b>	Somando o número de jogadores em cada setor (defesa, meio e ataque) a partir da identificação do posicionamento inicial, é possível, quase sempre, chegar a um sistema básico comum, como 4-4-2 ou 4-3-3. Uma maneira fácil de chegar aos números é desenhar um campo e dispor os jogadores através de bolinhas. Por vezes, caso seja observado um posicionamento diferente quando a equipe ataca, é necessário considerar comportamentos e padrões para se determinar a predominância ou não do sistema.
<b>Descrever as funções dos jogadores</b>	Como os jogadores não ficam parados, observar suas movimentações é fundamental. A união das funções individuais pode trazer respostas em relação às táticas da equipe como um todo.
<b>Identificar o sistema de marcação</b>	É um processo que inicia na identificação da função dos jogadores, que torna possível a observação de movimentos coletivos sem a bola, como uma diferença na altura do posicionamento das linhas de marcação, mais próximas ou mais distantes do próprio gol.
<b>Diagnosticar o estilo do time</b>	A partir da identificação da estratégia do time, o que pode ser feito tendo conhecimento das táticas individuais e de grupo, é possível estabelecer o que o time propõe para a partida.
<b>Recorrer a ferramentas de auxílio</b>	Estatísticas e visualizações como mapas de posicionamento de cada jogador podem ser utilizados para auxiliar a análise visual. Entretanto, não é possível falar taticamente de um jogo a partir de números, sendo sempre necessária a observação da partida.

Fonte: Adaptado de Cecconi (2013, p. 60-69).

As informações do quadro auxiliam na seleção dos elementos mais comuns da análise tática dentro do jornalismo. A partir dela, os principais pontos explorados em transmissões dentro da área podem ser reduzidos em três: (1) *sistema tático*; (2) *táticas individuais* e (3) *táticas coletivas*. Quanto ao (1) *sistema tático*, compreendido pelos dois primeiros itens do método apresentado por Cecconi (2013), trata-se da exposição numérica de como as equipes se posicionam inicialmente em campo, “indicando a quantidade de jogadores/jogadoras que atuam em cada setor do campo” (THIENGO, 2020, p. 34). Ao se colocar que um time está jogando em um “4-4-2”, por exemplo, entende-se que há quatro atletas no setor de defesa, quatro no meio de campo e dois no ataque.

As (2) *táticas individuais* são parte de todos os últimos quatro pontos do método apresentado no quadro. Elas dizem respeito às questões que tratam de cada jogador, como sua função em campo, o impacto de sua atuação para a equipe ou sua contribuição para o estilo de

jogo proposto, bem como a exposição de algum número ao seu respeito. Segundo Thiengo (2020, p. 19), “é a execução de uma técnica escolhida do repertório de movimentos do/da jogador/jogadora e aplicada a uma situação de jogo, a partir de uma tomada de decisão”.

Por outro lado, as (3) *táticas coletivas* são a união do que as ações individuais proporcionam à equipe como um todo, ou a algum setor em específico. A proposta de divisão dos apontamentos táticos em três será fundamental à análise de conteúdo, a ser retratada no capítulo seguinte. Elas podem ser divididas em táticas de equipe e de grupo (THIENGO, 2020, p. 19), com a primeira sendo relacionada às ações executadas em conjunto por cinco ou mais jogadores, e a segunda por dois a quatro jogadores.

## 4 PERCURSO METODOLÓGICO

O presente capítulo abordará a história da Rádio Bandeirantes Porto Alegre e sua relação atual com o esporte, assim como os comentaristas que serão parte do objeto do trabalho, Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica. Por fim, será apresentada a metodologia a ser utilizada no trabalho, a análise de conteúdo, e seus elementos que serão preponderantes para o objetivo da pesquisa.

### 4.1 Rádio Bandeirantes Porto Alegre e o esporte

Em 1934, iniciaram as transmissões da Rádio Difusora Porto-Alegrense, que surgiu “como empresa, procurando tirar da publicidade, além da cobertura para as despesas geradas, o lucro” (FERRARETTO, 2013). Três anos depois, em São Paulo, a Rádio Bandeirantes era fundada, buscando “atender aos anseios culturais das elites” (CECONELLO, 2005, p. 62). As duas estações se encontrariam no futuro, mesmo com trajetórias diferentes. No início da década de 1940, a empresa paulista se aproximou do esporte ao fazer parte das Emissoras Unidas, que tinha uma rádio focada no conteúdo esportivo, a Panamericana. Os anos seguintes aproximaram ainda mais o tema da Bandeirantes:

Os programas e transmissões de futebol tornaram-se mais comuns na Bandeirantes a partir da segunda metade dos anos quarenta, quando a rádio deixou as Emissoras Unidas e, conseqüentemente, a proposta de segmentação que cerceava tais possibilidades. Os primeiros nomes a obterem destaque no esporte da Bandeirantes foram Ary Silva, Mário Moraes, Dárcio Ferreira e Paulo Planet Buarque (CECONELLO, 2005, p. 63).

A Difusora, por outro lado, foi a primeira do seu estado a abordar o esporte, “transmitindo um boletim de quinze minutos nas noites de sábado e outro de mesma duração nas manhãs de domingo, dia em que divulgava os resultados esportivos parciais durante a tarde (CECONELLO, 2005, p. 49)”. Nos anos 1940, a emissora passou a realizar transmissões esportivas nos anos 1940 — entretanto, perderam popularidade com o domínio das rádios Gaúcha e Guaíba no segmento. Ao final da década de 1970, a Rede Bandeirantes, que era conhecida por sua cobertura esportiva especialmente em São Paulo, fechou um acordo com os freis capuchinhos que detinham a Difusora para a área da TV. A aproximação das empresas foi consolidada com uma compra definitiva da emissora porto-alegrense por parte da Bandeirantes, em 1983, mas o esporte acabou não ganhando destaque. Em 1989, a rádio encerrou as transmissões do segmento.



A retomada da Rádio Bandeirantes Porto Alegre com o esporte se deu em 1994, com a formação de um departamento, segundo Ceconello (2005), com profissionais qualificados e experientes de outras emissoras gaúchas. Entre eles, estavam Cláudio Cabral, Marco Antônio Pereira, Luis Fernando Gross, Maurício Saraiva, Leonardo Meneghetti, Ribeiro Netto e Luis Henrique Benfica. Por insegurança financeira na empresa, o setor esportivo passou por instabilidades e terceirizações nos anos seguintes, sendo reassumido pela empresa em 1999. Desde então, a emissora jamais deixou de dedicar parte de sua programação ao esporte, em especial ao futebol e à dupla Gre-Nal.

À época das transmissões que serão objeto de estudo deste trabalho, em 2020, a Bandeirantes, dirigida por Leonardo Meneghetti, dedicava, em dias de semana e em sábados sem jornadas esportivas, 5 horas diárias para o esporte, representando 25% da programação. Nos domingos, os programas esportivos compunham 50% da grade. O chefe de esportes era Thaigor Janke, que ainda ocupa a posição no veículo. A equipe de esportes contava com os narradores Marco Antônio Pereira, Marcos Couto e Sérgio Boaz; com os repórteres Thaigor Janke, Matheus D'Ávila e João Batista Filho; com os comentaristas Alex Bagé, César Cidade Dias, Fabiano Baldasso, Gabriel Corrêa, Luis Henrique Benfica, Roberto Pauletti e Vinicius Sinott; e com o plantão esportivo Paulo Pires.

Na frequência modulada 94,9 MHz e nos 640 KHz na amplitude modulada, entre 12h e 14h, o “Apito Final” abria a programação esportiva, no tradicional formato de mesa-redonda, em dias de semana. Com a ancoragem de Marco Antônio Pereira, os debatedores Sérgio Boaz, Vinicius Sinott, Gabriel Corrêa, Roberto Pauletti e Luis Henrique Benfica eram os responsáveis por conduzir o programa. Por mais duas horas, a partir das 16h, ia ao ar o “Esporte Notícia”, com apresentação de Sérgio Boaz e Alex Bagé. Os comunicadores realizavam um giro de informações e opinião ao lado de repórteres como Thaigor Janke, Matheus D'Ávila e João Batista Filho, além do plantão esportivo de Paulo Pires. O último retornava para fechar a programação diária com o “Band Esporte Show”, entre 19h e 20h, que reunia destaques musicais com informações sobre futebol tendo a participação dos repórteres da empresa.

A Rádio Bandeirantes Porto Alegre transmitiu, durante o ano de 2020, todas as partidas de Grêmio e Internacional — quase sempre em rede com a BandNews FM (99,3). Em dias de jogo, a programação esportiva podia sofrer alterações, mas sempre continha o

programa “Jogo Aberto”, de uma ou duas horas, que antecedia a jornada esportiva. Os narradores Marco Antônio Pereira e Marcos Couto revezavam as transmissões, tendo, sempre, dois comentaristas da casa, um repórter e um plantão esportivo. Após a jornada, o “Prorrogação” tratava, com durações distintas, do pós-jogo, com entrevistas e debates sobre a partida. Em 2021, a rádio sofreu alterações, com a mudança do “Esporte Notícia” para o “Atualidades Esportivas”, de formato e horário similares ao antigo, bem como a retirada do “Band Esporte Show” da grade, com a entrada do “Os Donos da Bola Rádio”, inspirado no programa homônimo da Band TV. As jornadas, entretanto, tiveram o formato inalterado, apenas com trocas na equipe de transmissão.

#### **4.2 Comentário e tática na Bandeirantes: Luis Henrique Benfica e Gabriel Corrêa**

Por sete vezes, em 2020, as transmissões esportivas da Rádio Bandeirantes Porto Alegre tiveram Luis Henrique Benfica e Gabriel Corrêa, juntos, nos comentários. Eles estão ligados a duas fases distintas do rádio, mas formaram uma dupla no cenário convergente, que traz novas exigências aos comunicadores e provoca mudanças no trabalho do comentarista. Com o objetivo de compreender os desafios enfrentados pelos profissionais nas transmissões a serem estudadas, além de suas trajetórias e reflexões sobre temas pertinentes ao trabalho, foram realizadas entrevistas com os jornalistas em questão. A técnica, quando bem utilizada, “possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social” (GIL, 2008, p. 110), o que influencia diretamente nas ideias e nas colocações dos radialistas em meio às partidas. Assim, será possível traçar um paralelo entre os relatos obtidos e a análise de conteúdo, a ser conceituada no subcapítulo seguinte, entrelaçando-as com o propósito de compreender os diferentes âmbitos dos comentários.

Com 34 anos de carreira, Luis Henrique Benfica iniciou sua trajetória no radiojornalismo esportivo em 1987, na Rádio Guaíba, onde permaneceu por 13 anos como repórter de campo, em transmissões esportivas. Graças ao seu pai, o profissional cresceu tendo uma ligação muito próxima com o rádio. No período, entre as décadas de 1960 e 1970, o meio teve como uma de suas características a consolidação da prática do comentário esportivo como uma função jornalística, em que, além da opinião, a informação e a interpretação passaram a fazer parte das colocações dos comentaristas (GUIMARÃES; FERRARETTO, 2016). Benfica passou a realizar a transição da reportagem para o

comentário nos anos 2000, já em meio à fase de convergência do rádio, e, tempos depois, sentiu que o conhecimento prévio já não era o suficiente para o exercício da nova função:

De vez em quando, eu comentava alguns jogos pela Rádio Gaúcha, entre 2000 e 2019. Aí, fui percebendo que eu não posso ocupar o microfone de uma Rádio Gaúcha, Bandeirantes ou Guaíba para dizer a mesma coisa que o cara do bar está dizendo. Eu não posso me contentar com isso. Tenho que tentar passar para o ouvinte alguma coisa que ele não está enxergando. Comecei a participar nos debates do Sala de Domingo, o Nando Gross me convidou, aí comecei realmente a debater com o Gustavo Fogaça, que é um analista tático muito bom, com o próprio Nando Gross, e pensei: “nós temos que aprofundar esse debate. Eu tenho que me especializar cada vez mais nesse debate” (BENFICA, 19 out. 2021).

O profissional destaca a análise tática como um dos elementos para se diferenciar no contexto atual, e foi justamente nesta conjuntura que Gabriel Corrêa se transformou em um comunicador. Depois de iniciar sua trajetória na Rádio Grenal como plantão esportivo e, posteriormente, ter virado repórter na Rádio Bandeirantes, o profissional foi alçado a comentarista em 2019, em programas de debate da segunda emissora. No ano seguinte, passou a participar de jornadas esportivas, atuando por um ano na função. Atualmente, ele é diretor de conteúdo do Footure<sup>17</sup>. Corrêa aponta a relevância do aspecto tático na sua atuação como comentarista:

Eu sempre tinha meu caderninho para anotar desde a escalação até algumas informações prévias que eu pesquisava. Às vezes, eu gastava 1h, 1h30, antes do jogo, para dar uma estudada, olhando algum número que chamava a atenção. “Ah, tal time fez 20 gols e 15 foram de bola parada”. Isso tem que ser destacado, é um elemento tático e precisa ser destacado, inclusive, antes da partida. Um exemplo foi o jogo do Inter contra o América de Cali, na Libertadores. Os dois zagueiros do América tinham menos de 1,80m, e isso me chamou muito a atenção. O Inter tinha o Abel Hernández, e, com o Coudet, jogava muito pelo lado. Deixei isso anotado para falar antes do jogo, e, com dois minutos de partida, o Inter fez um gol de bola aérea. A tática, para mim, sempre estava muito incluída em tudo (CORRÊA, 07 out. 2021).

Mesmo que conhecimento tático já fosse comum a muitos dos comentaristas em momentos anteriores do rádio, há, hoje, na visão de Benfca, uma maior exigência por apontamentos do tipo, o que é ocasionado também por uma audiência que passou a ter um contato mais forte com o tema. Ele relaciona o tema com o próprio companheiro de transmissões em 2020, Gabriel Corrêa, que acredita ser um exemplo de um jovem com grande interesse em análises táticas.

Os jovens, e não precisa nem ser jornalista, cada vez mais, estão sabendo questões táticas. Não tem como enganar o jovem porque fala bem, tem fluência, tem anos e anos de microfone. Não tem como acreditar que vou dizer algo e o jovem vai

---

<sup>17</sup> Produtora de conteúdos sobre futebol através de textos, vídeos e podcasts com foco em elementos como novas tecnologias e aspectos táticos.

acreditar. O ouvinte, não só o jovem, estudou questões táticas. Como eu vou querer passar uma mentira para o cara? Tenho que estar, no mínimo, no mesmo nível de conhecimento do ouvinte. É necessário estudar e se preparar cada vez mais. Claro que tem cara que liga o rádio para te ouvir dando uma opinião, dando uma porrada em alguém. Mas, acho que, cada vez mais, tem gente ligando o rádio e a televisão para ver se a opinião do comentarista bate com a opinião deles. Ele está desafiando o comentarista: “vou ouvir esse cara para ver se ele realmente está entendendo o jogo”. Não se pode passar vergonha na frente do ouvinte, tem de ser um cara preparado (BENFICA, 19 out. 2021).

Benfica acredita que o conhecimento sobre a temática é fundamental, mas não é o único fator necessário para que a comunicação seja bem feita. Para não permitir que o *tatiquês* apareça como algo negativo nas transmissões, o comentarista elenca uma qualidade que considera fundamental ao comunicador: “Aí acho que entra a capacidade do radialista. A capacidade de conseguir transformar a interpretação tática em uma coisa que não seja chata. Falar de modo a não se tornar um chato, um robô” (BENFICA, 19 out. 2021). Corrêa exemplifica o limite entre o seu conhecimento e a como ele é compartilhado com o ouvinte: “Eu posso ter estudado que o movimento que a defesa faz de um lado para o outro é a basculação, mas eu nunca vou falar esse termo em uma transmissão. Vou dizer que a defesa acompanha a bola de um lado para o outro, é muito mais simples” (CORRÊA, 07 out. 2021). Mesmo surgindo em diferentes fases do rádio, Benfica e Corrêa têm opiniões similares a respeito da prática, e demonstram interesse e adaptação às exigências identificadas no momento atual do comentário esportivo, em especial a análise tática.

### 4.3 Análise de conteúdo

Com o intuito de analisar como se constroem os comentários e o conteúdo neles presente, será feita a análise de conteúdo. A ideia, portanto, é compreender o comentário em si, para além de sua construção. Por ser um conjunto de técnicas que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens (BARDIN, 2002, p. 38), esse tipo de análise é relevante para a divisão e categorização do *corpus*. Para que seja cumprido o objetivo de delimitar os comentários dos jornalistas em questão, se faz necessária uma pesquisa documental a partir do áudio de jornadas esportivas. São, portanto, documentos de primeira mão, que não passaram por um tratamento analítico (GIL, 2008, p. 51), mas que recebem recortes para o estudo.

Segundo Bardin (2002), a análise de conteúdo é separada por pré-análise, exploração de material e tratamento. Para o primeiro passo, serão separadas as transmissões

da Rádio Bandeirantes Porto Alegre, no ano de 2020, em que Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica estão juntos. Posteriormente serão recortados os trechos em que tecem comentários acerca da partida que analisam, todos eles entre os 45 minutos iniciais e finais — momento categorizado como *o jogo em si* por Ferraretto (2014, p. 261). Nestes 90 minutos, “há um apelo constante à sensorialidade do ouvinte, em uma descrição lance a lance do que ocorre no estádio” (FERRARETTO, 2014, p. 262). Será necessário, todavia, um cuidado especial com o material em questão, já que os documentos foram “elaborados com objetivos outros que não a pesquisa científica” (GIL, 2008, p. 152). Há momentos em que as intervenções dos comentaristas não podem ser consideradas, objetivamente, comentários opinativos, interpretativos ou informativos — mas sim apontamentos de cunho informal, tendo menor pertinência para o objetivo do trabalho.

Dentro da exploração do material, será necessário um cuidado especial com os aspectos da codificação: recorte, enumeração e classificação (BARDIN, 2002, p. 104). O recorte temático remete aos apontamentos táticos realizados por cada comentarista durante as partidas, tema que serve como a unidade de registro, dentro da unidade de contexto que é o comentário completo e sua temática geral. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (BARDIN, 2002, p. 105). Para a enumeração, tendo em vista que todas as frases selecionadas e categorizadas, sejam elas de Benfica ou de Corrêa, têm o mesmo peso, será aplicada a lógica de que, neste caso, “a regularidade quantitativa de aparição é (...) aquilo que se considera como significativo” (BARDIN, 2002, p. 109). O cuidado com a classificação ocorre meramente para que cada comentário seja designado corretamente ao comentarista que o emitiu, bem como as unidades de registro em questão, cuja frequência será de grande valia para posterior análise. A categorização proposta para as unidades de registro parte dos três principais pontos inferidos do método de análise tática proposto por Cecconi (2013): (1) *sistema tático*; (2) *táticas individuais* e (3) *táticas coletivas*. Com a produção de um sistema de categorias, é possível “fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos” (BARDIN, 2002, p. 119), o que facilita as análises quantitativa e qualitativa do *corpus*.

Como não há regras objetivas para comentar jogos de futebol, tampouco formas certas ou erradas (predefinidas como tais) a se enquadrar conceitos táticos em análises no rádio, a pesquisa terá caráter exploratório. A intenção não é desenvolver métodos para que

isso seja feito, mas sim buscar que o produto final seja, de acordo com Gil (2008), “um problema mais esclarecido, passível de investigação mediante procedimentos mais sistematizados”. Os dados obtidos serão delimitados de modo quantitativo, mas o caráter exploratório do trabalho se dá com a comparação entre eles. A análise posterior do material terá foco no qualitativo, embora os dados tenham, também, seu destaque, visto que “a análise qualitativa não rejeita toda e qualquer forma de quantificação” (BARDIN, 2002, p. 115). A partir da frequência de comentários, apontamentos por comentário e suas categorizações por transmissão, será possível ter um guia para a comparação qualitativa entre os aspectos abordados por cada comentarista.

[...] estes resultados são submetidos a provas estatísticas, assim como a testes de validação. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas (BARDIN, 2002, p. 101).

A comparação entre os comentários e seus elementos se dará por apontamentos que façam parte das mesmas categorias. Como pontua Bardin (2002, p. 113), é possível que os elementos comparados, quando pertencentes à mesma unidade de contexto, tenham sua recorrência analisada de maneira qualitativa através de três critérios: associação, equivalência e oposição. Isso só será possível pois a inferência será feita especificamente para cada jogo, tendo seus contextos respeitados e analisados. Se o aspecto em questão for, por exemplo, a utilização de termos diferentes pelos comentaristas para tratar de pontos similares, seria um caso de equivalência. A associação entre as unidades de registro ocorre quando os comunicadores tratam do mesmo tema com similaridade nas palavras — enquanto a oposição será observada quando os elementos aparecem no mesmo contexto, mas tratam de temas distintos, como ataque e defesa. Para que os apontamentos táticos sejam melhor compreendidos, serão emprestadas explicações do *Glossário do Futebol Brasileiro* (2020). A busca por respostas que poderão explicar o objetivo geral do trabalho, compreender como se constroem os comentários a partir dos elementos táticos do jogo, vai partir das inferências de qual fator conduziu ao enunciado, e de quais as consequências que eles podem provocar no receptor (BARDIN, 2002, p. 39).

## 5 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS NAS JORNADAS ESPORTIVAS

O presente capítulo compreende as análises quantitativa e qualitativa dos comentários realizados por Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica em transmissões da Rádio Bandeirantes Porto Alegre. As sete partidas representam a totalidade das jornadas em que os dois comentaristas estiveram juntos no ano de 2020, e todas serão analisadas cronologicamente no decorrer da seção. Seis dos jogos foram válidos pelo Campeonato Brasileiro de 2020; enquanto um deles, Grêmio e Juventude, no dia 29 de outubro de 2020, foi disputado pelas oitavas de final da Copa do Brasil do mesmo ano. Um detalhe a ser observado é a predominância de jogos do Internacional dentre os estudados. Como a Rádio Bandeirantes continha, à época, dois comentaristas identificados com o Grêmio, eram eles quem participavam usualmente das jornadas gremistas, deixando as partidas do Inter para os demais jornalistas isentos — dentre eles, Benfica e Corrêa.

Todas as partidas tiveram transmissão na Rádio Bandeirantes Porto Alegre (94,9 no FM e 640 no AM), também em rede com a BandNews FM de Porto Alegre (99,3). As jornadas esportivas foram disponibilizadas ao vivo através do YouTube, plataforma em que as gravações são mantidas até o presente momento. Em apenas um deles, o jogo entre Internacional e Athletico Paranaense, no dia 11 de outubro de 2020, válido pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro, um dos comentaristas não estava participando da irradiação no estúdio da emissora, mas, sim, diretamente do estádio. Gabriel Corrêa foi escalado para comentar a partida em questão no Beira-Rio em um momento cujas restrições por conta da pandemia da Covid-19 foram abrandadas, o que permitiu a presença de mais profissionais no ambiente de jogo.

Através da audição de todas as jornadas em questão, os comentários foram separados em uma planilha, tendo seus apontamentos táticos marcados em vermelho, enumerados, relacionados com o comentarista que o emitiu e, posteriormente, categorizados, como mostra a **Figura 1**. Eles serão expostos, ao longo da análise, tanto de maneira integral como resumida, sempre havendo o cuidado para que o contexto em que estão inseridos não seja perdido ou mal interpretado. Nos pouco mais de 630 minutos de material estudados, foram levantadas 297 colocações por parte de Benfica e Corrêa, as quais tiveram um total de 289 apontamentos táticos.

Figura 1 - Tabela de pré-análise<sup>18</sup>

JOGO (TÍTULO NO YOUTUBE)	COMENTÁRIO	AT - BENFICA	AT - GABRIEL	1 - BT B	2 - TI B	3 - TC B	1 - BT G	2 - TI G	3 - TC G
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	6'11 (acionado por MAPI): Bom jogo. Era o que eu esperava, viu, Marcelo. <b>Os times querendo marcar lá em cima. A gente está vendo o Galo e o Inter nessa mesma ideia. E, mais uma vez, Galhardo vai ser o cara para substituir o Guismero pelo Jato</b> - já brigou no alto e tudo mais. Jogo legal nesse início de partida no Beira-Rio.		2					1	1
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	9'11 (gol do Inter): E nesse lance a gente vê muito bem que <b>não adianta ter três zagueiros se eles não fecham o espaço certo</b> . Quando o Júnior Alonso vê a bola do Patrick, ele não fecha aquele passe. Ai, o Thiago Galhardo se aproveitou. Ele tem qualidade na finalização. Aberto o placar no Beira-Rio, Benfica.		1						1
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	9'11 (gol do Inter): Pois é. E por outro lado, Gabriel, <b>tam a rapidez na troca de posição dos jogadores do meio para a frente do Internacional</b> . Essa coisa que não é de hoje, essa troca envolvente que confunde a marcação. Confundiu agora, com um passe sensacional do Patrick.	1				1			
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	11'11: E não é só o número que é diferente do Moisés. Mudou o penteadão também, hein.	0							
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	12'11 (acionado por MAPI): É uma situação, Marco Antônio, acho que encantadora. Quem está vendo o jogo está impressionado. De algum modo, <b>se repete aquele volume [do jogo] contra o Santos</b> . O Internacional teve na primeira etapa, sobretudo, muitas chances de gol. Hoje, de novo, o Inter leva ao extremo, Gabriel, <b>essa questão do jogo apoiado</b> . Sempre há um jogador para dar opção, e sempre em velocidade. E o Galhardo me surpreende, ele está fazendo bem o trabalho do Guismero. Ele faz pivô também, Gabriel.	3			1	2			
Inter x Atlético-MG - Jornada Esportiva (22/08)	13'11 (acionado por BENFICA): E, faz pivô, e o Inter não deixa o Galo respirar porque os zagueiros [do Atlético-MG] <b>não têm qualidade para sair jogando. Então, eles têm que forçar o chute</b> , e o Inter ganha essa bola. Você mesmo [Benfica] comentava e o Inter já roubou a bola de novo. O Inter pode se aproveitar muito porque, qualidade para sair jogando, tem, ali [no Atlético-MG], o Júnior Alonso, e talvez, um pouco, o Réver. Se o Inter <b>profissionalizar mais um pouco</b> , pode conseguir fazer o dois a zero.		3					1	2

Fonte: elaboração do autor (2021)

Para a análise qualitativa dos comentários, destacam-se os pontos em que os apontamentos táticos realizados pelos comentaristas convergem ou divergem, além de possíveis diferenciações na terminologia empregada para a descrição de momentos do jogo. Para isso, tem-se como base a divisão dessas colocações, proposta e descrita anteriormente, entre (1) *sistema tático*, (2) *táticas individuais* e (3) *táticas coletivas*. Já a análise quantitativa tem como objetivo a identificação de padrões nos comentários e nas leituras táticas de Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, tanto em relação à recorrência das três categorias quanto ao número de apontamentos realizados por cada comentarista ao longo das partidas.

### 5.1 Internacional x Atlético Mineiro (22/08/2020)

No dia 22 de agosto de 2020, Internacional e Atlético Mineiro se enfrentaram pelo Campeonato Brasileiro, às 19h, no Estádio Beira-Rio. O duelo, válido pela 5ª rodada, gerava muita curiosidade à época pelo encontro entre Eduardo Coudet, técnico do Inter, e Jorge Sampaoli, técnico do Galo. O mandante venceu a partida pelo placar mínimo, com gol marcado por Thiago Galhardo, aos 7 minutos do primeiro tempo. Com a vitória, o time da capital gaúcha tornou-se líder do campeonato. Na Rádio Bandeirantes Porto Alegre, a

<sup>18</sup> Disponível em: <https://bit.ly/2Zru7sZ>



narração foi de Marco Antônio Pereira, tendo a dupla Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica nos comentários, Thaignor Janke na reportagem e Paulo Pires no plantão esportivo.

### 5.1.1 Tática nos comentários

Desde o princípio do jogo, é possível observar que as nuances retratadas pelos comentaristas visam, especialmente, ao duelo tático entre Coudet e Sampaoli. No total, são 61 apontamentos táticos distribuídos em 44 comentários. Nenhum deles trata exclusivamente do (1) *sistema tático*, com o tema servindo apenas para contextualizar apontamentos de outras categorizações. Ao se referir à equipe do Atlético Mineiro, aos 9 minutos de jogo, Gabriel Corrêa afirma que “não adianta ter três zagueiros se eles não fecham o espaço certo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020), um comentário que se utiliza do sistema tático da equipe, o fato de ter três jogadores no sistema de defesa, para tratar de um ponto coletivo.

As (2) *táticas individuais* são destacadas em 20 momentos, a maioria delas como breves descrições relacionadas às táticas coletivas. Luis Henrique Benfica, aos 22 minutos do primeiro tempo, detalha a função do lateral Saravia, do Internacional: “Talvez seja um gesto de prudência do Coudet em não liberar o Saravia. (...) Ele está, certamente, orientado a não subir tanto” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020). A orientação que Benfica aponta, sobre o jogador “não subir tanto”, trata do movimento de “ultrapassagem” do lateral, que “consiste na ação de um/uma jogador/jogadora de se deslocar com a finalidade de criar linha de passe” (THIENGO, 2020, p. 17), sendo este mais comum para jogadores da posição em questão. Aos 42 minutos de jogo, Corrêa faz um comentário com três apontamentos sobre questões individuais distintos:

E, agora, ele [Coudet] tentou algumas coisas. Colocou o Boschilia para marcar lá em cima, como a gente viu agora, quase roubando bola. O Marcos Guilherme, se a gente falou no início que ele estava tentando aproveitar a lentidão da defesa, depois dos dez, 15 minutos [de jogo], ele pouco tocou na bola, e, quando tocou, não deu prosseguimento às jogadas. Pode ser algo bem como o Benfica disse: ter o Yuri Alberto recoloca o Galhardo na posição de origem dele (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

Primeiro, o comentarista aponta para a função do atleta Boschilia no momento defensivo, descrevendo-a como uma marcação “lá em cima” ao invés de tratar a situação com algum termo específico. A expressão aparece mais de uma vez na partida, especialmente em comentários de cunho coletivo. Depois, uma baixa participação de Marcos Guilherme no jogo é destacada, e comenta sobre o impacto que a entrada de Yuri Alberto (algo sugerido por

Benfica segundos antes) teria no posicionamento de Thiago Galhardo. Por optar pela descrição de situações encontradas pelos atletas, Corrêa não utiliza termos táticos, algo que é repetido em outras intervenções.

Em relação às (3) *táticas coletivas*, são 41 colocações ao longo da partida. A primeira intervenção de Corrêa, aos 6 minutos de jogo, conta com o primeiro apontamento que trata do coletivo, tanto de uma equipe quanto de outra:

Bom jogo. Era o que eu esperava, viu, Marcão<sup>19</sup>. Os times querendo marcar lá em cima. A gente está vendo o Galo e o Inter nessa mesma ideia. E, mais uma vez, Galhardo vai ser o cara para substituir o Guerrero pelo jeito – já brigou no alto e tudo mais. Jogo legal nesse início de partida no Beira-Rio (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

Ao apontar que os times querem “marcar lá em cima”, Corrêa utiliza-se da informalidade para descrever o bloco alto de marcação, detalhado no Glossário do Futebol Brasileiro da CBF como o momento defensivo em que “a equipe se posiciona no setor ofensivo e de meio-campo ofensivo” (THIENGO, 2020, p. 51). Luis Henrique Benfica, por sua vez, opta pelo termo “marcação alta” para descrever o mesmo fato, aos 30 minutos do primeiro tempo: “O Internacional também abriu mão da marcação alta. O Inter parece um pouco desligado deste que é um fundamento essencial do próprio Inter” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020). Se comparado à coloquialidade de Corrêa, Benfica utilizou um termo mais técnico, detalhando-o ao afirmar que o Atlético Mineiro “ganha campo” com a ação do Inter.

Se os comentários sobre a postura agressiva de ambas as equipes tomaram conta do início do jogo, a abordagem da equipe mandante após o gol de Galhardo foi destacada em diferentes momentos pelos comentaristas. Depois de pontuar a mudança de postura do Inter, Benfica dirigiu-se ao narrador, aos 35 minutos do primeiro tempo, para explicitar sua preocupação com a nova mecânica defensiva do time:

Aquele gol marcado cedo, Marco Antônio Pereira, foi um bálsamo para o Internacional. Neste momento, o jogo é do Atlético Mineiro. A marcação que o Inter executa na frente da grande área é lenta, ou há muita velocidade por parte do adversário – daqui a pouco, é uma virtude a mais. O fato é que o jogo, neste momento, está mais para o Atlético (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

---

<sup>19</sup> Apelido de Marco Antônio Pereira, narrador da jornada.

Ao destacar que o Inter marca em frente à grande área, Benfica aponta o bloco baixo, em que “a equipe se posiciona no setor defensivo” (THIENGO, 2020, p. 51), explicando-o em detrimento de utilizar um termo, popular ou não, para apresentá-lo. Esse tipo de marcação é, muitas vezes, acompanhado de leituras que a relacionam com uma postura “reativa”. Não há ocorrências do vocábulo na transmissão em questão, mas seu antônimo, uma postura “propositiva”, aparece aos 4 minutos do segundo tempo, em comentário de Benfica: “Está faltando ao Internacional o que sobra ao Atlético Mineiro: atitude propositiva. O Internacional só espera para tentar alguma coisa em contra-ataque” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020). O apontamento tem uma conotação negativa, algo que também é trazido por Corrêa, que busca “soluções” para que o Inter atue de maneira diferente, como a sugestão da entrada de Yuri Alberto, aos 7 minutos do segundo tempo, já que o atacante poderia ajudar a equipe a segurar a bola no ataque pois “teria bem mais capacidade de ganhar uma bola no alto” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

Ao invés de realizar mudanças no ataque, como sugerido pelo comentarista, o técnico Eduardo Coudet, aos 14 minutos da segunda etapa, opta por colocar no jogo o volante argentino Musto na vaga de Marcos Guilherme, um meia ofensivo. Primeiro, é abordada novamente a postura defensiva da equipe, como na opinião de Benfica: “[A substituição] vai representar que o Internacional vai tratar de segurar o resultado. O Internacional não coloca um atacante para ampliar o marcador, ele vai tentar segurar o resultado” (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020). Seis minutos após a mudança, os comentários miram nas consequências do novo posicionamento de alguns jogadores:

Gabriel Corrêa: Com a entrada do Musto no lugar do Marcos Guilherme, já dá para ver como o Inter se posiciona um pouco melhor. O Marcos Guilherme até tentava marcar, mas estava toda hora indo de um lado para o outro. O time, ao menos pelo que parece, deu uma acalmada, se assentou, e está ocupando os espaços de uma maneira mais inteligente (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

O comentário de Corrêa exalta as correções na postura “reativa” da equipe. Para destacar o sucesso defensivo, ele aponta para uma ocupação “mais inteligente” dos espaços a partir da alteração realizada previamente — uma linguagem mais técnica —, bem como o fato de o time ter se “acalmado” e se “assentado”, descrições mais coloquiais. O comentarista opta por um vocabulário misto para apresentar características positivas de um bloco defensivo, que são defender de maneira coletiva, com posicionamento transversal e longitudinal próximo, e a realização de movimentos sincronizados (THIENGO, 2020, p. 51). Com o resultado positivo

em favor do Inter sendo mantido, a opção do técnico Coudet por priorizar a defesa passa a ser tratada de modo elogioso. Benfica, aos 33 minutos da segunda etapa, trata do comportamento da equipe através de uma metáfora:

Diga-se, em favor do Internacional, primeiro, o óbvio: está ganhando o jogo. Está alcançando outra vez a liderança, e isso é digno de todos os elogios. Outra coisa: ele encontrou um adversário muito bom pela frente. Às vezes, quando o cara é muito maior que você, não é bom partir para o soco (RÁDIO BANDEIRANTES, 22 ago. 2020).

A marcação alta e o grande volume de jogo ofensivo, detalhados pelos comentaristas em suas primeiras intervenções na partida, perderam destaque por conta da postura defensiva do Internacional, que acabou sendo o tema predominante nos apontamentos até o fim do jogo. Para defini-la, predominaram termos mais populares, muitas vezes acompanhados de explicações sobre as ações, facilitando a compreensão em relação ao tema. Assim, com os comentários emitidos, a inferência de que o jogo apresentou uma realidade diferente da expectativa, especialmente no âmbito coletivo, é natural aos ouvintes, sendo construída ao lado dos fatos que se sucederam ao longo dos 90 minutos.

## **5.2 Internacional x Athletico Paranaense (11/10/2020)**

No dia 11 de outubro de 2020, o Internacional recebeu a equipe do Athletico Paranaense, no Estádio Beira-Rio, às 20h30, em duelo válido pela 15ª rodada do Campeonato Brasileiro. Então vice-líder da competição, o Colorado venceu o confronto por 2 a 1, com todos os gols sendo anotados na primeira etapa. Para o Inter, marcaram Thiago Galhardo, aos 6 minutos, e Abel Hernández, aos 36', com Renato Kayzer marcando o gol de desconto para os paranaenses aos 41 minutos. Marcos Couto foi o responsável pela narração da jornada na Rádio Bandeirantes Porto Alegre, com Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica nos comentários, Thaigor Janke na reportagem e Paulo Pires no plantão esportivo.

### *5.2.1 Tática nos comentários*

Dos 57 comentários realizados ao longo dos 90 minutos, 50 são apontamentos táticos. O (1) *sistema tático* aparece uma vez, em uma intervenção de Gabriel Corrêa, aos 26 minutos do segundo tempo: “O Inter está esperando bastante, praticamente com duas linhas de quatro, o Musto e o Lindoso, aí o Marcos Guilherme de um lado e o Patrick do outro” (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020). O comentarista não detalha o sistema inteiro, mas

aponta para “duas linhas de quatro”, algo que caracterizaria o “4-4-2”, e ainda descreve os jogadores que compõem o setor de meio-campo. A informação não é entregue de maneira completa, com o ouvinte precisando inferir a formação do time e o setor a que Corrêa se refere ao nomear os atletas.

As (2) *táticas individuais* aparecem em 14 apontamentos. No relato do primeiro gol do jogo, aos 8 minutos, o comentário de Luis Henrique Benfica elogia Thiago Galhardo de maneira tática: “Impressionante o aproveitamento do Galhardo. Que senso de colocação dentro da área adversária” (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020). O comentarista trata do “senso de colocação” do atacante Galhardo na área adversária, destacando seu mérito para além da finalização. Na sequência, Benfica traz outra questão tática ao abordar uma possível lesão de Galhardo no lance do gol: “Tomara que não seja nada mais grave, que seja algo circunstancial. Ele é fundamental para a mecânica de jogo do Internacional” (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020). O comentarista não detalha qual a “mecânica”, mas é possível compreender que a equipe atua em relação ao jogador em questão. Essa seria uma das características do esquema de jogo, ou esquema tático, do Inter, que, de acordo com Thiengo (2020, p. 34), “são as ligações estabelecidas entre os/as jogadores/jogadoras durante as partidas, ou seja, a forma como eles/elas se relacionam ou se comunicam a partir das funções desempenhadas em campo, das suas virtudes e limitações”. Ou seja, as ligações proporcionadas por Galhardo com seus companheiros, no momento em que o time se encontrava, eram fundamentais à equipe colorada.

Por 35 vezes, os apontamentos são ligados a (3) *táticas coletivas*. Após o segundo gol, aos 38 minutos do primeiro tempo, Benfica trata de três elementos diferentes relacionados a esse âmbito: “Nos últimos jogos, esta é a partida em que melhor se vê na prática os conceitos do técnico Eduardo Coudet: a marcação alta, a jogada em velocidade pelos lados do campo e o aproveitamento dos homens de ataque” (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020). Dos três pontos, apenas o primeiro é apresentado com um termo tático, enquanto os outros são conceitos tratados de maneira descritiva, facilitando a compreensão para o ouvinte. O do meio, em que é evidenciado o jogo pelo lado do campo, é muitas vezes acompanhado pela expressão “amplitude”, ausente na transmissão da partida, mesmo com a grande frequência de comentários relacionados a esse tipo de estratégia. Um exemplo é o diálogo estabelecido entre os dois comentaristas sobre o tema aos 28 minutos do primeiro tempo:

Gabriel Corrêa: A gente cobra muito, e o Inter sempre joga muito pelos lados, mas, hoje, Moisés, Heitor, Patrick e Marcos Guilherme [estão] muito ativos e sendo importantes no jogo de hoje, hein, Benfica? (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020).

Luis Henrique Benfica: Sem dúvidas, os dois lados funcionando muito bem. E eu chamo a atenção para o lado direito: que bela parceria Heitor e Marcos Guilherme (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020).

Com os jogadores tanto do lado esquerdo quanto do lado direito do campo tendo seu protagonismo elogiado, subentende-se que o Internacional está utilizando bem a amplitude do campo. Ao apontar para a importância dos jogadores de lado do Inter, Corrêa e Benfica estão tratando justamente de uma das vantagens proporcionadas pelo jogo em amplitude, que, segundo Thiengo (2012, p. 49), possibilita “que a equipe amplie o espaço de jogo efetivo, (...) favorecendo a progressão da bola entre dois/duas adversários/adversárias”. Os comentaristas optam pela abordagem descritiva, detalhando essa qualidade da equipe através de exemplos. Durante a segunda etapa, entretanto, Benfica pontua como é a vez de o Athletico utilizar bem os lados, ainda sem o *tatiquês*: “O Internacional joga uma boa partida (...). Mas o jogo está aberto, não está definido. Há que ter muito cuidado com os avanços pelos lados do Athletico, tem que ter muita cautela o Internacional” (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020). Corrêa complementa, especificando um dos corredores laterais:

É, a gente tem falado tanto sobre essa questão do lado esquerdo [do Internacional], que estava bem, mas o Jonathan passou faz pouco ali com certa liberdade. Tem que cuidar porque o Athletico está tentando, pelo menos, atacar por esse lado (RÁDIO BANDEIRANTES, 11 out. 2020).

Corrêa e Benfica, mesmo reiterando o uso das laterais ao longo de todos os 90 minutos da partida, tanto por parte do Internacional quanto pelo Athletico, não recorrem ao termo “amplitude”. A compreensão do conceito em questão por parte do ouvinte é clara, visto que em boa parte dos comentários são utilizados exemplos e apontados jogadores que realizam as jogadas laterais. Neste caso, mesmo se o termo tático fosse utilizado, a descrição dele seguiria sendo pertinente, já que sua utilização não é usada popularmente no futebol.

### **5.3 Sport x Internacional (14/10/2020)**

Sport e Internacional se enfrentaram no dia 14 de outubro de 2020, às 21h30, no Estádio Ilha do Retiro, em Recife-PE. O duelo foi válido pela 16ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2020, e ficou marcado pela quantidade de gols: foram oito no total, com o Inter

terminando à frente no placar por 5 a 3. Patrick, duas vezes, Moledo, Yuri Alberto e Adryelson (contra) marcaram para o Inter. Marquinhos, Leandro Barcia e Mikael descontaram para o Sport. Com a vitória, o Colorado alcançou o Atlético Mineiro, líder da competição, no número de pontos, mas seguiu na segunda colocação por conta do critério do número de vitórias. A jornada esportiva da Rádio Bandeirantes Porto Alegre teve Marcos Couto na narração, Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica nos comentários, Thaigor Janke na reportagem e Paulo Pires no plantão esportivo.

### 5.3.1 Tática nos comentários

Com oito gols, a partida entre Sport e Internacional foi marcada pela inversão de cenários. No total, Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica realizaram 45 comentários, com 44 apontamentos táticos no total. Não há ocorrências em relação ao (1) *sistema tático*, o que começa a apontar um padrão para intervenções mais ligadas aos outros dois âmbitos ao longo dos 90 minutos. Em se tratando de (2) *táticas individuais*, o jogo teve 15 colocações do tipo. Aos 13 minutos da primeira etapa, Benfica faz quatro apontamentos táticos sobre o jogo, dois deles de ordem individual:

O Internacional, Marcos Couto, concentra forças mais pelo lado direito, onde o Rodinei aparece bastante — já fez dois cruzamentos. Edenilson, pelo meio, com sua velocidade, sempre dando a opção de passe. Tem um jogo praticamente sob controle o Inter. Só tem que ter um pouco de cuidado, pelo menos é o que eu observei até agora, com as movimentações do Mugni, que começa a achar espaço nas costas dos volantes do Internacional (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020).

Com diferentes observações, o comentarista destaca o predomínio da equipe do Inter, mesmo que com ressalvas, individualizando a análise nas figuras de Edenilson, do Internacional, e Lucas Mugni, do Sport. Em todos os aspectos táticos apontados, há um detalhamento, ao mesmo tempo em que não há o uso de expressões mais técnicas. Um exemplo é a questão da movimentação de Mugni, que poderia ter sido referida, no *tatiquês*, como a busca pelo espaço “entre as linhas”, que especifica a ação dos jogadores entre as linhas defensivas do adversário (THIENGO, 2020, p. 49), quase sempre entre os zagueiros e volantes. Edenilson volta a ser pauta dois minutos depois:

Luis Henrique Benfica: No final do jogo, como eu sonho perguntar para alguém do Internacional: "quantos quilômetros o Edenilson correu nessa partida?". É impressionante a ocupação de espaço que o Edenilson está promovendo neste jogo, Gabriel (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020).

Gabriel Corrêa: É verdade. O Edenilson parte, sempre, ajudando o Lindoso. Ele quer chegar na área, porque ele tem essa chegada, e está aparecendo em todo canto. Ele podia não estar no melhor momento há alguns jogos, mas sempre foi muito fundamental para o time do Coudet (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020).

Além de elogios de ordem física, também são elencados aspectos táticos em que o atleta colorado chama a atenção. Benfica fala da “ocupação de espaço” do jogador, uma terminologia mais distante da coloquialidade, mas que pode ter seu significado inferido pela frase anterior, que se refere à movimentação de Edenilson. Corrêa, por outro lado, pontua a mesma situação afirmando que o jogador “está aparecendo em todo canto”, explicando-o informalmente. Além disso, o comentarista também afirma que o atleta “tem essa chegada”, tratando do movimento de “infiltração”, em que o atleta, sem a bola, “rompe a linha de defesa, com o objetivo de receber a bola em condição de finalizar a meta adversária” (THIENGO, 2020, p. 17). Mesmo com diferentes abordagens, ambos apresentam fórmulas que funcionam para a compreensão do ouvinte, sem deixar termos sem explicação ou fora de contexto.

Aos 43 minutos do primeiro tempo, há outro apontamento tático de ordem individual em destaque, realizado por Corrêa, após um dos gols marcados pelo Sport: “Parecia muito um lance de basquete. O Iago Maidana bloqueou dois, bateram cabeça Moledo e Cuesta, dupla de zaga que não repete o que fez em 2019. Desconta, mas o Inter não pode deixar o Sport gostar do jogo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020). O comentarista busca ilustrar a movimentação de Iago Maidana, jogador do Sport, no lance do gol. Ele explica o lance comparando-o com o basquete, afirmando tratar-se de um bloqueio. É um exemplo da utilização de uma comparação para detalhar um movimento, ao invés de usar apenas o termo “bloqueio”. A explicação, entretanto, requer ao ouvinte o conhecimento da ação de corta-luz no basquete, o que pode dificultar a compreensão mesmo com o detalhamento realizado.

As (3) *táticas coletivas*, com 29 registros, auxiliam na construção da expectativa sobre um controle do jogo por parte do Inter, que acabou sendo revertida ao longo da partida. Benfica, logo após o segundo gol da equipe gaúcha, afirma: “Fazia muito tempo que eu não via o Internacional estabelecer uma vantagem tão grande, sobretudo em um jogo fora de casa. Estou surpreso com o que está acontecendo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020). Corrêa complementa: “Uma vitória, Benfica, de quem estava dominando o jogo. O Sport não atacava, o Inter foi lá, deu duas estocadas mais fortes, e fez 2 a 0” (RÁDIO



BANDEIRANTES, 14 out. 2020). Todas as intervenções apontam para um domínio do Inter, até mesmo as que se referem ao adversário, como quando Corrêa coloca que “o Sport não atacava”.

O segundo tempo iniciou com mais dois gols: um aos 7’, de Rodrigo Moledo, para o Inter, e outro, do Sport, aos 10’, marcado por Leandro Barcia, com o placar ficando em 3 a 2 para o visitante. Ao comentar sobre o gol da equipe de Recife, Corrêa busca explicar o erro tático por parte do Colorado: “(...) a defesa do Inter não pode dar esse espaço entre o zagueiro e o lateral que deu. Acharam bem o Lucas Mugni, e ele achou muito bem o Leandro Barcia, que bateu bonito para fazer esse desconto” (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020). A situação a que o comentarista se refere diz respeito à “compactação” da equipe, especialmente no que tange, nesse caso, à aproximação em largura entre os jogadores da linha de defesa (THIENGO, 2020, p. 51). O jornalista trouxe a explicação do termo ao invés de utilizá-lo integralmente, apontando como o espaço deixado pelos jogadores do Inter, uma maneira didática de tratar do tema. Com um gol de diferença no placar, os comentários passaram a apontar para a postura do Internacional, que já havia permitido dois gols ao adversário:

Luis Henrique Benfica: O Internacional perdeu muito a concentração que tinha na primeira etapa no quesito marcação. É impressionante a facilidade com que o Sport está se aproximando da área do Internacional, imprimindo muito mais velocidade. A marcação, que era muito eficiente na frente da grande área, à essa altura, praticamente desapareceu, Gabriel (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020).

Gabriel Corrêa: O que a gente falava do lado direito, com Rodinei e Marcos Guilherme, neste segundo tempo, não conseguem se encontrar muito bem. Nem o Marcos Guilherme está recompondo para marcar a subida do Juba e do Marquinhos, nem o Rodinei está conseguindo fechar esses espaços (RÁDIO BANDEIRANTES, 14 out. 2020).

O comentário de Benfica conta com dois apontamentos táticos coletivos distintos: o fato de a defesa do Inter estar menos eficiente, caracterizando-a como uma marcação à frente da área, e a maior aproximação do Sport no campo de ataque. Corrêa, por sua vez, estende um apontamento em diferentes frases, complementando a opinião de Benfica sobre a defesa da equipe gaúcha ao detalhar que o lado direito estava sendo o problema. O comentarista utiliza dois conceitos para ilustrar a situação — recomposição e fechamento de espaços —, contextualizando-os para que se tornem compreensíveis ao ouvinte médio. Na sequência, os jornalistas tratam de questões além do campo tático, como o retorno de lesão do volante Rodrigo Dourado, do Internacional, e apontamentos mais factuais sobre os três gols

que se sucederam na partida. O cenário geral dos apontamentos táticos na partida aponta para uma mescla entre a utilização de termos que remetem a conceitos e um detalhamento deles sem a designação de um vocábulo específico, facilitando sua assimilação.

#### **5.4 Grêmio x Juventude (29/10/2020)**

Em duelo válido pela Copa do Brasil, Grêmio e Juventude se enfrentaram na Arena do Grêmio, no dia 29 de outubro de 2020. O jogo de ida das oitavas de final terminou com vitória para a equipe da capital por 1 a 0, com gol marcado por Isaque, aos 9 minutos do primeiro tempo. A partida de volta, na semana seguinte, terminou novamente em 1 a 0 para o Grêmio. O clube acabou chegando à final do torneio, e perdeu o título para o Palmeiras. A transmissão da Rádio Bandeirantes Porto Alegre teve a narração de Marco Antônio Pereira, com comentários de Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, reportagens de Matheus D'Ávila e plantão de Paulo Pires.

##### *5.4.1 Tática nos comentários*

A partida entre Grêmio e Juventude teve 32 comentários, com 29 apontamentos táticos no total. Novamente, o (1) *sistema tático* não foi destacado nas intervenções. Por outro lado, foram sete as (2) *táticas individuais* apontadas. O primeiro comentário do jogo foi sobre uma substituição por lesão no Juventude, em que Capixaba entrou na vaga de Wagner. Os dois jogadores foram analisados taticamente por Luis Henrique Benfica: “Um faz a armação por dentro, o Wagner, mais lenta, mas o Capixaba, que é um jogador que atua pelo flanco, ele dá uma resposta muito melhor” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). Ao invés de dar nomes às posições, o comentarista explica o local do campo em que cada um dos jogadores costuma atuar, e, ao mesmo tempo, opina sobre qual dos atletas teria um impacto maior na equipe do Juventude. Em um dos seus únicos dois comentários que tratam exclusivamente de táticas individuais, Gabriel Corrêa opina sobre Ferreira, do Grêmio: “Não é a dele a direita, né, Benfica. Na direita, parece que ele fica meio torto, porque é um cara que gosta de cortar para dentro e chutar, e aí tem a posição do Pepê” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). O comentarista utiliza da lógica para criticar o posicionamento do jogador. Entretanto, é necessário saber que o atleta em questão é destro para que a adjetivação “torto” tenha sentido quando relacionada com a descrição realizada posteriormente.

Os apontamentos que tratam de (3) *táticas coletivas* são maioria, aparecendo 22 vezes. No início da partida, Corrêa destaca qual seria a principal tática coletiva do Juventude para o jogo: “A gente já viu ali nos escanteios que o Juventude tem um contra-ataque bem organizado. O Diogo Barbosa e o Victor Ferraz têm que prestar bastante atenção no Breno e, agora, no Capixaba” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). O comentarista aponta para um tipo de ataque, o contra-ataque, que é caracterizado como o método de ataque em que se realiza uma transição ofensiva rápida, com tempo reduzido de construção e ritmo elevado com a bola (THIENGO, 2020, p. 42). Essa, contudo, foi a única incidência do termo durante a partida. O gol marcado por Isaque, para o Grêmio, aos 9 minutos do primeiro tempo, mudou a tendência que era apontada no início, algo que pode ser notado nos comentários do minuto 26:

Gabriel Corrêa: A gente já citou o ponto de o Grêmio ter recuado, mas isso é preocupante, porque precisa voltar a controlar o jogo. O Grêmio está sofrendo ataque pelos lados, não sofreu ainda porque Geromel e Kannemann estão muito bem. Mas, ao Grêmio, falta controle para esse jogo, e o Juventude está começando a ter a bola lá no meio-campo, Benfica (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020).

Luis Henrique Benfica: O Juventude trabalha muito bem a bola, tem uma boa saída de jogo, que começa pelo próprio goleiro Marcelo Carné, como destacou há pouco tempo o Marco Antônio. E, quando ele se projeta, a marcação do Grêmio é muito distante. E isso é uma coisa muito curiosa, o Grêmio está dando enormes espaços no seu próprio campo para o Juventude (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020).

Com dois apontamentos táticos em cada comentário, Corrêa e Benfica pontuam pontos negativos no Grêmio e pontos positivos no Juventude. São retratados “princípios táticos” das equipes, que são conjuntos de ideias que orientam o funcionamento do jogo através de ações técnicas e táticas dos jogadores (THIENGO, 2020, p. 44). Para ambos os jornalistas, o mandante estava se posicionando de maneira mais defensiva, permitindo espaços ao visitante. O primeiro comentarista diz que o Grêmio recuou e não controla o jogo, e o segundo acrescenta que isso ocorre pois a marcação é muito distante. São opiniões complementares, que apresentam conceitos defensivos como compactação e altura dos blocos, mas sem citar os termos de maneira direta, e sim explicativa. O mesmo vale para os apontamentos acerca da outra equipe: Corrêa opina que o Juventude “está começando a ter a bola lá no meio-campo”, e Benfica acrescenta que a “saída de jogo” do time é bem trabalhada. Fica subentendido que uma situação leva à outra, e há exemplificações em ambas que viabilizam a compreensão do ouvinte.

No segundo tempo, os comentaristas observam mudanças na equipe do Grêmio. Para Benfica, o time parecia “disposto a tirar os espaços que ele mesmo havia dado ao

Juventude no primeiro tempo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). Corrêa utiliza a opinião como gancho, e exemplifica: “O Grêmio, bem como o Benfica frisou, voltou mais disposto a fechar espaços, e o Juventude, sem o Bochecha, não consegue mais sair do meio-campo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). Ele personifica em Gustavo Bochecha, meio-campista do Juventude, a dificuldade que a equipe tem de encontrar espaços no setor em que o jogador atua, o que se decorreu a partir da evolução do Grêmio no princípio tático que era um problema na etapa anterior do jogo. A expressão “fechar espaços” tem seu significado intrínseco nas palavras, e substitui o conceito da “compactação”, que seria o equivalente para a ação dentro do *tatiquês* — e não apresenta ocorrências na transmissão da partida. As observações são retomadas aos 23 minutos do segundo tempo:

Luis Henrique Benfica: O Grêmio tem a vantagem, está vencendo por 1 a 0, e isso lhe dá a tranquilidade de nem precisar jogar tão bem assim para não ser incomodado. Uma coisa o Grêmio faz muito bem nessa segunda etapa: ele anula completamente todas as possibilidades de criação da equipe do Juventude. O Juventude desapareceu ofensivamente em campo. O Grêmio não está criando, Gabriel, mas não está sendo incomodado (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020).

Gabriel Corrêa: É, mas tem sido soberano com Geromel e Kannemann. Se, antes, o Dalberto incomodava, o Breno incomodava, isso não tem acontecido. E, aí, está faltando o que apareceu há pouco: o Matheus Henrique está toda hora aparecendo para o toque, para a tabelinha, para infiltrar. Tá faltando isso para o Grêmio (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020).

Como o cenário do jogo permaneceu inalterado, o tema principal dos comentários seguiu o mesmo tom ao longo da segunda etapa: enquanto o Juventude tinha anuladas as suas “possibilidades de criação”, o Grêmio seguia tendo algo “faltando”. Com um apontamento tático em cada comentário, Benfica e Corrêa lamentam a ineficiência ofensiva da equipe que estava à frente do placar, transmitindo ao ouvinte a sensação de um jogo com poucas alternativas. Antes, o primeiro comentarista responde uma pergunta do narrador Marco Antônio Pereira com o mesmo viés: “Quando você fala em truncado: o primeiro tempo foi de Copa do Brasil, o segundo tempo é de Gauchão” (RÁDIO BANDEIRANTES, 29 out. 2020). Ele utiliza o termo “truncado”, e, na sequência, compara o nível entre duas competições, a Copa do Brasil e o Campeonato Gaúcho. O paralelo traçado busca exemplificar o cenário geral do jogo com um tema comum ao ouvinte médio da rádio (o fato de o campeonato estadual ter jogos de menor qualidade).

O fato de esta ter sido a partida, dentre as analisadas, com a menor frequência de comentários — e, conseqüentemente, apontamentos táticos — encontra sentido em

comentários como os destacados. Dentre os últimos seis comentários da partida, que ocorreram entre os minutos 26' e 43' da segunda etapa, três foram sobre alterações promovidas pelos técnicos das equipes, um dos poucos fatos novos que o jogo ofereceu aos comentaristas. Assim, os comentários de ordem tática, seja ela coletiva ou individual, acabaram tendo menor ocorrência até o final do jogo.

### **5.5 Grêmio x Red Bull Bragantino (02/11/2020)**

O Grêmio recebeu o Red Bull Bragantino na Arena, em Porto Alegre, no dia 2 de novembro de 2020, em duelo válido pela 19ª rodada do Campeonato Brasileiro de 2020. A partida, que teve início às 20h, contava com um mandante buscando consolidar uma vaga na metade de cima da tabela, enquanto o visitante, abaixo na classificação, tentava não entrar na zona do rebaixamento. Após um primeiro tempo sem gols, David Braz e Orejuela marcaram para o Grêmio na segunda etapa, com Hurtado descontando para a equipe de São Paulo e deixando o placar final em 2 a 1. Na jornada esportiva da Rádio Bandeirantes Porto Alegre, narrou Marcos Couto, com comentários de Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, reportagens de Matheus D'Ávila e plantão esportivo de Paulo Pires.

#### *5.5.1 Tática nos comentários*

A diferença entre as duas etapas da partida pode ser explicada com a incidência de comentários em cada uma delas: das 34 intervenções dos comentaristas, apenas 11 ocorreram na primeira etapa. No total, foram distribuídos ao longo das intervenções 32 apontamentos táticos. Um deles foi sobre o (1) *sistema tático*, quando, aos 33 minutos da primeira etapa, Luis Henrique Benfica pontuou a formatação com que a equipe visitante se defendia: “O Bragantino se defende com cinco jogadores. Quando ele é atacado, mantém apenas o Ytalo na frente. Ele congestionava o setor de criação, e isso dificulta muito a ação do Grêmio” (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020). Mesmo sem detalhar numericamente, é possível inferir que o Bragantino está, provavelmente, posicionado em um 5-4-1, ao menos enquanto se defende, aliando as informações de que são cinco jogadores no setor de defesa e um atacante (Ytalo) no setor de ataque.

As (2) *táticas individuais* têm nove ocorrências, boa parte delas na segunda etapa, que teve gols aos 24, 27 e 32 minutos. A partida terminou com o placar em favor do Grêmio, algo que parecia difícil pelo contexto do jogo, que vinha sendo detalhado nos comentários

anteriores. Nos relatos após os gols, os comentaristas buscam explicações para a melhoria por parte dos vencedores, e Gabriel Corrêa, no segundo gol, marcado por Orejuela, faz isso através de dois apontamentos táticos individuais: “[O time mudou] com a entrada de um centroavante mais participativo, que é o Churin, e foi muito importante sua entrada, seja no 1 a 0 e agora no 2 a 0. Isaque, naquela zona, entrando na área, um meia que entra. O Robinho não fazia isso” (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020). Ao afirmar que Robinho não entrava na área, Corrêa complementa um apontamento feito por Benfica, aos 40 minutos da primeira etapa: “Nós falamos já sobre a ação ofensiva do Robinho, que é muito pequena até o momento, ele não tem objetividade, não tem profundidade a sua jogada (...)” (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020). Quando o comentarista afirma que a jogada do atleta “não tem profundidade”, traz, mesmo que sem explicá-lo, o princípio que trata do movimento longitudinal do jogador, ou seja, em direção ao gol. Corrêa, por sua vez, cita a mudança ao exemplificar que Isaque está “entrando na área”, diferentemente de Robinho, que não fazia esse movimento vertical.

Em 22 momentos, os apontamentos são sobre (3) *táticas coletivas*. A primeira opinião emitida por Corrêa no jogo, aos 12 minutos, tem duas observações nesse viés: “O Red Bull Bragantino fecha bem os espaços do Grêmio, o Grêmio não consegue sair. Maicon e o Matheus [Henrique] não tocam na bola, é ligação direta a todo instante lá para a frente” (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020). Corrêa contrapõe o “fechamento de espaços” por parte do Bragantino com a “ligação direta” realizada pelo Grêmio. O primeiro termo está se referindo à “contenção”, um princípio tático fundamental defensivo que trata da tentativa de reduzir os espaços do adversário (THIENGO, 2020, p. 47). O segundo é o termo em si, método de ataque em que, de acordo com Thiengo (2020, p. 42), “a equipe se aproxima da meta adversária com o mínimo de trocas de passe, sem avanço gradual com a posse da bola”. O comentarista, neste caso, teve uma abordagem mista: detalhou o primeiro conceito, omitindo o termo tático, e utilizou o *tatiquês* no segundo momento, explicando-o ao exemplificar que os dois meio-campistas “não tocam na bola” e que a ligação é “lá para a frente”. O cenário é mantido na primeira etapa, como apontam os comentários no minuto 19:

Luis Henrique Benfica: O Grêmio tenta assumir o controle do jogo, Marcos Couto. Não conseguiu ainda, mas já esteve em momentos piores no jogo. Já começa a achar espaços pela esquerda, sempre com o Pepê, que, tecnicamente, é um jogador insuperável, ninguém consegue pará-lo. Luiz Fernando também tem boa movimentação. A transição que ainda é um pouco lenta, diferentemente do Bragantino. Esse é um time que joga com bola no chão e que tem, no Claudinho,

como se esperava, o seu grande destaque, Gabriel (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020).

Gabriel Corrêa: É, tem o Claudinho armando todas as jogadas. O time com muita calma e tranquilidade para sair jogando. Alguns erros, é verdade, mas o Grêmio pode se aproveitar dessas arrancadas do Pepê. Foi assim que surgiram as chances, se é que podemos dizer assim, do Grêmio. Então, aproveitar essa velocidade que o Bragantino tem sérias dificuldades de defender (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020).

Em um comentário com três apontamentos táticos, Benfica destaca uma característica do ataque em ligação direta: o fato de ele ser no momento da “transição”, que, para ele, “ainda é um pouco lenta”. Para o time que ataca, a transição é o “momento que a equipe recupera a posse da bola e inicia a fase ofensiva” (THIENGO, 2020, p. 20), algo que não é detalhado pelo comentarista em sua colocação. Neste caso, pressupõe-se que o ouvinte compreende a fase de jogo à qual ele se refere — no sentido dicionarizado<sup>20</sup>, a palavra apresenta uma denotação suficiente à sua compreensão. O contraponto é feito quando o comentarista afirma que, ao contrário do Grêmio, o adversário “joga com a bola no chão”, tratando do “ataque posicional”, tipo de ataque que se caracteriza, segundo Thiengo (2020, p. 42), por uma construção mais elaborada, com um número elevado de jogadores e ações utilizadas. A sugestão, tanto de Benfica quanto de Corrêa, é que o Grêmio agregue velocidade ao seu jogo. Próximo ao final do primeiro tempo, o primeiro agrega outras duas recomendações à equipe:

Marcos Couto, em todo momento você fala, e com razão, sobre como se fecha o Bragantino. O que se imagina que possa ser feito pelo Grêmio para resolver isso? Primeiro, uma troca de passes mais rápida, para envolver e tirar o marcador do lugar. Segundo, o Gabriel destacou fora do ar aqui: um jogador que apareça na entre linha, no espaço aquele que não é visualizado. Terceiro, a vitória pessoal. É preciso alguém que tenha capacidade de drible para furar esse bloqueio (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020)

Além de acelerar as jogadas, para Benfica, o Grêmio precisava de “um jogador que apareça na entre linha” e de “alguém que tenha capacidade de drible”. A primeira das novas sugestões é explicada pelo comentarista de uma maneira similar à orientação mais impessoal no futebol, em que se pede ao jogador que “receba nas costas” da marcação (THIENGO, 2020, p. 49), especialmente atrás da linha de meio-campistas. O segundo pedido é por um jogador que se destaque pelo fundamento do “drible”, que é “a ação do/da jogador/jogadora de iludir o adversário estando com a posse da bola” (THIENGO, 2020, p.

<sup>20</sup> “Passagem de um estado de coisas a outro: uma rápida transição; mudança” (disponível em <https://www.dicio.com.br/transicao/>).

11), termo este que dispensa explicações por conta de sua grande recorrência, visto que é um fundamento básico do futebol. No segundo tempo, com o dobro de comentários por parte dos jornalistas, mantêm-se as observações negativas sobre o Grêmio:

Gabriel Corrêa: Que apatia, Marcão. É muito apático. O Isaque, que a gente pedia, também tá apático. O clima do Grêmio hoje, apesar de ter sido em muitos jogos assim, tá sendo mais apático do que nunca, Benfica (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020).

Luis Henrique Benfica: É verdade. (...) O Grêmio completamente sem soluções, ainda uma equipe toda compartimentada: a defesa longe do meio-campo, o meio-campo longe do ataque. Uma lentidão absurda. Assustadora a atuação do Grêmio até agora na segunda etapa (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020).

Os comentários têm uma semelhança: através de adjetivações, ambos buscam descrever a partida do Grêmio. Para Corrêa, o time é “apático”; enquanto, para Benfica, a atuação é “assustadora”. Em seu comentário anterior, o último havia associado um desses adjetivos a uma situação específica: “Está assustando a apatia do Grêmio na segunda etapa, hein? O time está completamente sem ideias em campo” (RÁDIO BANDEIRANTES, 02 nov. 2020). Neste caso, a reutilização do termo por parte de Corrêa traz consigo, ao ouvinte, a mesma ideia, da falta de “ideias em campo”. É uma maneira de se referir à “ideia de jogo”, que, para Thiengo (2020, p. 32), é o que compõe “o conjunto de referências táticas consideradas por cada treinador/treinadora como sendo ideais”, sendo influenciada pela (1) cultura de jogo e pelo (2) modelo de jogo, que são, respectivamente: (1) uma união de valores, crenças e símbolos de jogadores e técnicos, que se manifesta na forma que as equipes atuam; (2) e o conjunto de referências táticas que influenciam nos princípios de jogo de cada equipe. É um conceito bastante abrangente, mas que, ao ter sua aparente ausência exemplificada por uma adjetivação, tem sua importância resumida pelos comentaristas e clara aos ouvintes.

Mesmo com um terço dos comentários do jogo, o primeiro tempo teve relatos que foram importantes para a compreensão da partida — e que introduziram conceitos que acabaram sendo resgatados na segunda etapa, como a ideia de jogo e a profundidade. Foi outro exemplo de uma jornada esportiva em que os apontamentos táticos não foram simplesmente jogados ao ouvinte, mas sim entregues com descrições e exemplificações. Por ter um resultado atípico à narrativa que vinha sendo criada, que condizia com o que o jogo apresentava, foram necessárias interpretações dos porquês das mudanças, e todas foram feitas de maneira embasada.



## 5.6 Internacional x Coritiba (08/11/2020)

Às 16h do dia 8 de novembro de 2020, Internacional e Coritiba se enfrentaram no Beira-Rio, em Porto Alegre. A partida, válida pela 20ª rodada do Campeonato Brasileiro, terminou com um empate em 2 a 2, que manteve o Inter na liderança do torneio, já que o Flamengo, segundo colocado, acabou derrotado no dia seguinte, sem poder ultrapassar o rival. O adversário, por outro lado, brigava para deixar a zona de rebaixamento, e o ponto conquistado no jogo permitiu que saísse da situação de maneira momentânea. Yuri Alberto e Nonato marcaram para o mandante, enquanto Giovanni Augusto e Sabino fizeram os gols da equipe paranaense. Além dos quatro gols, o duelo ficou marcado pela expulsão de Heitor, lateral do Inter, no início da segunda etapa. Com narração de Marcos Couto, a jornada na Rádio Bandeirantes Porto Alegre teve comentários de Luis Henrique Benfica e Gabriel Corrêa, reportagens de João Batista Filho e plantão esportivo de Paulo Pires.

### 5.6.1 Tática nos comentários

Com 43 apontamentos táticos distribuídos em 46 comentários, a transmissão teve uma intervenção relacionada ao (1) *sistema tático*. Aos 41 minutos do primeiro tempo, Luis Henrique Benfica dá pistas de qual formação a equipe do Coritiba estava utilizando na partida: “Falta ou lateral, (...) o fato é que o Coritiba viu-se obrigado a abrir mão de sua postura defensiva, com duas linhas de marcação. Se abre mais, o que pode favorecer o Internacional neste momento” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020). Entende-se, portanto, que o visitante estava posicionado “com duas linhas de marcação” até sofrer um gol do Internacional. O sistema tático não fica claro, mas pode-se inferir que se trata de um “4-4-2”, já que as linhas de quatro, nos setores de defesa e de meio, são normalmente referidas dessa maneira em análises. Não é colocada pelo comentarista, porém, a maneira com que a equipe passou a se posicionar defensivamente após o gol sofrido, apenas é compreendido que ela “se abriu mais”.

Quanto às (2) *táticas individuais*, são sete colocações ao longo do jogo, todas elas na segunda etapa da partida. Três delas se dão em sequência, com observações a respeito dos zagueiros do Internacional. Primeiro, Benfica aponta para uma deficiência de Zé Gabriel no jogo, que estava “errando muitas saídas de bola” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020). Depois, Corrêa critica Victor Cuesta no lance do gol do adversário: “O Cuesta sai da linha e

dá um bote que, enfim... O Cuesta está muito mal nessa temporada, tem que ver o que está acontecendo com ele de fato” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020). Os apontamentos sobre os erros na saída de bola por um jogador e o erro na abordagem por parte de outro são utilizados como gancho por Benfica, que nomeia um terceiro zagueiro:

Não diria que ele [Moledo] é o melhor zagueiro do Inter, mas, na bola aérea, ele é insuperável. Quando o Inter é atacado, para mim, ele é insuperável. Mas a proposta de jogo do Internacional exige zagueiros que saibam sair jogando (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

O comentarista engloba os elementos apresentados anteriormente, destacando o zagueiro reserva do Inter, Rodrigo Moledo, como um jogador que defende melhor que os outros dois citados, mas que não é titular por uma tática coletiva — a exigência de que os atletas da posição “saibam sair jogando”. A exposição de ideias por parte dos dois profissionais exhibe três questões táticas individuais, uma sobre cada futebolista, e que têm sua pertinência ilustrada ao longo da partida com exposições acerca das (3) *táticas coletivas* de cada equipe, em especial do Inter. Por envolver o líder e um candidato ao rebaixamento, o duelo entre Inter e Coritiba carregava preconceções que pareciam ser confirmadas nos primeiros minutos: o mandante teria uma postura mais ofensiva, buscando o gol, enquanto o visitante, de menor qualidade, seria mais conservador e buscaria o resultado em contra-ataques. As primeiras intervenções dos comentaristas Luis Henrique Benfica e Gabriel Corrêa, aos 9 minutos de jogo, tratam do tema:

Luis Henrique Benfica: Há 30 segundos, havia 11 jogadores do Coritiba dentro do seu próprio campo. É uma equipe absolutamente defensiva o Coritiba, o Inter não consegue vencer as linhas de marcação. O Gabriel me chamava a atenção, e há pouco tempo a TV mostrava, são absurdos 92% de posse de bola para o Internacional. Uma coisa incrível isso aí, mas não é nada produtiva essa posse, Gabriel (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Gabriel Corrêa: E isso é um ponto que me lembra muito o Internacional contra o Goiás, Benfica. O Goiás estava praticamente com os jogadores na linha de defesa, como o Coritiba, e fez o gol em um contra-ataque, numa bola parada. Esse é um jogo em que o Inter tem que ter concentração e, às vezes, falta um jogador mais criativo. Que tenha intensidade e seja criativo. Vamos ver qual vai ser a arma. Por enquanto, jogando pelos lados do campo (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Com três apontamentos táticos, Benfica inicia sua leitura sobre o jogo destacando a postura de cada equipe. Além de caracterizar o Coritiba como um time defensivo ao exemplificar que todos os jogadores estavam “dentro do seu próprio campo”, o comentarista critica a produtividade do Inter, que não conseguia “vencer as linhas de marcação”. Todas as

colocações foram acompanhadas de ilustrações relativas ao jogo, facilitando a compreensão do cenário por parte do ouvinte. O mesmo vale para as observações de Corrêa: ele detalha a postura ofensiva do Internacional comparando-a com a que o time apresentou em outro jogo, e ainda aponta para uma possível solução, a de ter concentração e criatividade. A opinião do comentarista conversa com conceitos acerca do ataque posicional, tipo de jogo que a equipe colorada estava submetida naquele momento da partida, já que enfrentava uma defesa bem postada.

Nesta forma de organização ofensiva as atitudes e comportamentos individuais e coletivos são pautados na segurança das ações ofensivas, fato que exige a criação constante de condições mais favoráveis para a concretização de uma ação tática e com busca permanente pela ocupação racional do espaço (THIENGO, 2020, p. 42)

Corrêa fala de concentração e criatividade para atacar, enquanto Thiengo traz o conceito destacando a necessidade de segurança e “ocupação racional do espaço”, sendo elas, de maneira respectiva, concepções análogas. Caso o comentarista optasse pelo segundo termo trazido pelo autor, a recepção não seria a ideal, já que a linguagem é mais científica e pouco utilizada no dia a dia pelo torcedor. Aos 15 minutos, o ataque do Inter volta a ser abordado por Benfica:

Não adianta você ter posse de bola se não tiver cuidados básicos com o contragolpe do adversário. O Internacional erra em alguns fundamentos, erra muitos passes, o cruzamento não sai qualificado e, outra, muita bola aérea não resolve quando o Galhardo não está em campo (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Ao mesmo tempo em que aponta erros da equipe com a bola, o comentarista fala sobre o cuidado com o “contragolpe do adversário”, já destacando outra fase do jogo. Pelo contexto da partida, em que o Coritiba havia tido duas chances de gol em contra-ataques, a compreensão de que a colocação se trata do momento de transição é clara. Um dos “cuidados básicos” apontados por Benfica em relação a essa situação é o “perde-pressiona”, descrito por Thiengo (2020, p. 52) como “o princípio que guia as ações dos/das jogadores/jogadoras com o objetivo de reconquistar a bola imediatamente após perda de sua posse”. Como o Inter não exercia bem esse mecanismo, o adversário conseguia ter uma boa saída após recuperar a bola. Na sequência, aos 21 minutos, os dois comentaristas comentam sobre outro tipo de pressão:

Luis Henrique Benfica: O Inter acelera um pouco agora, começa a pressionar um pouco mais, tenta cruzamentos até à meia altura para tentar tirar proveito de alguma confusão da zaga do Coritiba. Mas ainda é pouco, ele tem que ser muito mais produtivo, e tem uma coisa, Gabriel, que não tem acontecido hoje: o Inter não está conseguindo roubar a bola no campo do Coritiba para ficar mais próximo da área de finalização (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Gabriel Corrêa: E talvez, Benfica, seja porque o Coritiba nem tem a bola. O Inter não consegue roubar, não tem a bola adversária. A maioria dos gols do Inter são assim, né, rouba a bola no campo adversário e sai no contragolpe. Dessa vez, o Inter tem que criar muito, e não é característica desse Internacional criar muitas jogadas. Teve dificuldade contra o Goiás, teve dificuldade em outros jogos que jogou contra equipes fechadas. E, por isso, imagino até que Yuri Alberto e Abel parece uma escolha porque o Coudet sabe: ele vai ter que colocar muita bola na área. Só que, ou coloca com uma ideia que encaixe melhor ou então vai ficar cruzando e não vai ter muitas oportunidades de gol (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Os comentaristas tabelam sobre o que entendem ser uma qualidade do Inter: a pressão no campo adversário. Ela pode ser tanto o perde-pressiona quanto uma situação de defesa em bloco alto, em que os jogadores marcam o adversário distantes do próprio gol. Benfica volta a falar do tema aos 29 minutos: “Viu o que aconteceu agora? Em dois momentos, duas bolas roubadas no campo do Coritiba e duas situações de gol. Tem que aumentar ainda mais nesse quesito, o Inter, para começar a complicar um pouco o Coritiba” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020). Ao afirmar que foram realizadas duas roubadas no campo do adversário, pressupõe-se que o Inter estava pressionando o adversário, sendo essa uma forma bastante lúdica de destacar a ação. O comentário precedeu o primeiro gol do jogo, marcado por Yuri Alberto, do Inter. No início da segunda etapa, o Coritiba empatou com Giovanni Augusto. Nos relatos do gol, Benfica e Corrêa falam, novamente, das dificuldades que o mandante encontraria para atacar e, conseqüentemente, defender:

Luis Henrique Benfica: Havia destacado agora há pouco, JB, é jogador demais para o Coritiba, o Giovanni Augusto. Grande qualidade no acabamento da jogada. Complicam-se as coisas para o Internacional, Gabriel, porque agora fica completamente à vontade o Coritiba para voltar o seu retrancão. (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Gabriel Corrêa: É, e é agora que o Inter tem que manter essa concentração, porque a jogada foi em um contragolpe, que é justamente onde o Inter mais poderia sofrer. É nesses espaços criados, porque fica muito tempo no campo de ataque. Esse gol do Giovanni Augusto é para ligar o sinal e voltar a concentração total. (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

Pela primeira vez na jornada, um comentarista utilizou um termo popular para tratar de um conceito. Benfica chama a postura defensiva do Coritiba de “retrancão”, uma maneira de expressar que a equipe se defende em “bloco baixo”. As explicações anteriores eram suficientes para compreender a maneira em que o adversário do Inter se defendia, especialmente pelas dificuldades que o próprio mandante encontrava para atacar. Entretanto, ao trazer um termo informal, o comunicador se aproxima do ouvinte e apresenta uma nova perspectiva ao tema. Corrêa, por sua vez, retoma o assunto com uma nova explicação,

detalhando que o Internacional “fica muito tempo no campo de ataque” e deixa espaços que o adversário acaba aproveitando no contra-ataque.

Cinco minutos depois do gol, o lateral Heitor, do Inter, acabou expulso. Entretanto, logo na sequência, a equipe de Porto Alegre marcou o segundo gol, com Nonato, ficando novamente à frente no placar. Para Corrêa, a postura do time poderia mudar para o que, antes, era relacionado ao Coritiba: “Agora, pode voltar a atenção para contragolpear” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020). Com um jogador a menos, o Internacional optou por se defender e contra-atacar, mas acabou sofrendo o empate aos 28 minutos do segundo tempo. A tensão do final do jogo proporcionou o mesmo padrão de outros jogos, com a diminuição de comentários e os consequentes apontamentos táticos a partir do minuto 30. Mesmo com o contexto de ter perdido um jogador em meio à partida, o tom final acabou sendo de críticas à maneira em que a equipe colorada se posicionou após o 2 a 2. Benfica, aos 39 minutos da segunda etapa, resume: “Bom, aí é o seguinte: o Internacional quer segurar o resultado. O Inter tinha a obrigação de tentar a vitória, mas quer segurar o resultado contra uma equipe que briga pelo rebaixamento. Eu não entendo isso” (RÁDIO BANDEIRANTES, 08 nov. 2020).

### **5.7 Internacional x Botafogo (12/12/2020)**

O Internacional recebeu a equipe do Botafogo no Beira-Rio, no dia 12 de dezembro de 2020, e venceu pelo placar de 2 a 1. A partida, que iniciou às 19h, foi válida pela 25ª rodada do Campeonato Brasileiro. Com o resultado, o mandante, que não triunfava havia sete partidas, alcançou a quinta colocação do torneio, enquanto o visitante, derrotado, seguiu na zona de rebaixamento. Pedro Raúl, do Botafogo, marcou o primeiro gol da partida, mas Patrick e Yuri Alberto viraram para o Inter. Na Rádio Bandeirantes Porto Alegre, a transmissão teve a narração de Marcos Couto, com comentários de Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica. As reportagens ficaram a cargo de Thaigor Janke, com Paulo Pires sendo o responsável pelo plantão esportivo.

#### *5.7.1 Tática nos comentários*

Marcado por um lance atípico, o jogo contou com 39 comentários de Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, que contiveram 30 apontamentos táticos. Oito das intervenções apareceram no momento em questão, o segundo gol do Inter, em que o atacante

Yuri Alberto se aproveitou de um erro por parte do adversário, que cobrou uma falta sem que seus companheiros vissem, com o lance sendo validado após revisão de quatro minutos pelo árbitro de vídeo. Todas as colocações sobre o lance não tiveram viés tático, o que explica a diferença entre os dois números apresentados.

O primeiro comentário da partida, realizado por Corrêa, foi o único que tratou do (1) *sistema tático* em primeiro plano: “Sanada nossa dúvida. Eu estava conversando aqui com o Luis Henrique Benfica sobre, e Thiago Galhardo, hoje, [está] mais recuado, jogando como um 10. Patrick aberto pelo lado esquerdo e Yuri Alberto jogando como um 9” (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020). Em conjunto, as informações a respeito do posicionamento de cada jogador permitem a suposição de que a equipe se coloca em um “4-2-3-1”, sistema tático não pontuado ao longo dos 90 minutos. Para um ouvinte que acompanhou, também, o pré-jogo, é possível que a compreensão quanto à formatação do Internacional tenha sido mais fácil, já que diferentes hipóteses de como a equipe se posicionaria, como com Thiago Galhardo e Yuri Alberto juntos no ataque em uma espécie de “4-4-2”, foram apresentadas. Entretanto, para quem ligou o rádio após o início da partida, a descrição do comentarista pode não ter sido suficiente para o total entendimento do aspecto.

Em oito momentos, os apontamentos feitos durante a partida foram sobre (2) *táticas individuais*. A primeira intervenção de Benfica no jogo, aos 10 minutos, conta com duas leituras nesse âmbito:

Estou vendo o Botafogo mais organizado do que o Internacional. Estou vendo uma atuação muito boa do Caio Alexandre, outra atuação muito boa do Honda, uma intensa participação do Pedro Raúl, voltando para ser o elemento que dá a vantagem numérica para o Botafogo no meio de campo. Não vi ainda uma ação prática, Gabriel, que justifique essa posição um pouco mais recuada do Galhardo, sendo um armador. Ele não se aproximou até agora, pelo menos não consegui enxergar, do Yuri Alberto (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020).

No total, são mencionados cinco jogadores, dois deles com observações táticas. Primeiro, o comentarista descreve a função exercida por Pedro Raúl, atacante do Botafogo, durante as organizações ofensivas da equipe. Benfica opta por descrever a movimentação do atleta ao invés de caracterizá-la como a função de “Falso 9”, em que o atacante se movimenta em direção ao meio-campo “com a finalidade de abrir espaços para as movimentações dos companheiros” (THIENGO, 2020, p. 40). Por outro lado, ao tratar de Thiago Galhardo, do Internacional, o comentário aponta para a função do jogador: a de “armador”. É um sinônimo

de “meia de ligação”, que, segundo Thiengo (2020, p. 39), é o jogador que constrói as ações ofensivas da equipe, relacionando-se com os atacantes. Além de apresentar o nome da função, o comentarista também a descreve ao criticar a baixa aproximação do meia de ligação (Galhardo) com o atacante (Yuri Alberto).

Ao complementar a interpretação do colega, Corrêa apresenta outra função ao ouvinte: “Até porque o Thiago Galhardo não é exatamente um armador, e está tendo que jogar como. Ele se destacou como um segundo atacante. Só que ele está recuando, tendo que recuar ali para o lado do Edenilson, do Lindoso, do Patrick muitas vezes” (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020). O comentarista diferencia “armador” de “segundo atacante”, afirmando que Galhardo se destacou atuando na segunda. Ele ilustra que o jogador está “recuando”, o que não seria um movimento natural à função preferida, que está normalmente atrelada a um dos dois atacantes de uma equipe, “sendo o jogador que se movimenta constantemente pelo meio-campo ofensivo” (THIENGO, 2020, p. 40). Há, ainda, um terceiro registro em que a função de um atleta é evidenciada, quando Corrêa pontua o estilo de jogo de Caio Vidal, do Inter: “É, vai ganhar velocidade e drible com o Caio Vidal. A posição dele no sub-20 é ponta esquerda, não pela direita, porque ele gosta muito de cortar para dentro e chutar. Vamos ver como ele vai se sair pelo lado direito, onde o Marcos Guilherme não foi bem” (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020). Trata-se, nesse caso, do “ponta”, jogador caracterizado pela construção das ações ofensivas por um dos lados do campo (THIENGO, 2020, p. 40). O comentarista descreve essa incumbência, e ainda compara ela com a que o jogador em questão realizava nas categorias de base, relacionando-a com sua característica de “cortar para dentro e chutar”.

A transmissão teve 21 apontamentos ligados a (3) *táticas coletivas*. Na primeira etapa da partida, boa parte delas tratou de um domínio por parte do Botafogo. Na visão dos comentaristas, o Inter equilibrou a partida após os 20 minutos, como pontua Corrêa: “Internacional acelerou um pouco seu trabalho dentro de campo, de marcação, de anulação de espaço para o Botafogo, que jogava com muita facilidade, até ganhava terreno no campo do Internacional” (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020). Benfica exemplifica o porquê da situação: “Deu uma melhorada, começou a subir a sua marcação. O Botafogo, talvez, tenha cansado daquela pressão inicial” (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020). Complementares, as colocações são descritivas e descomplicadas, e apontam as razões pelas quais uma melhora foi possível: Corrêa afirma que a equipe “acelerou” suas ações; enquanto

Benfica destaca a subida de marcação do time. Aos 26 minutos, Pedro Raúl abriu o placar para a equipe visitante, e os comentaristas fizeram, novamente, uma colocação tática cada, retornando ao cenário do início do jogo:

Luis Henrique Benfica: Não tem nada, nada, nada fora do lugar. O Internacional oferecia ao Botafogo facilidades que, seguramente, outros clubes não ofereceram. Impressionante a apatia do Internacional, a falta de envolvimento na partida, os buracos em todos os setores do campo. Este gol é a representação de uma coisa absolutamente justa, Gabriel Corrêa (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020).

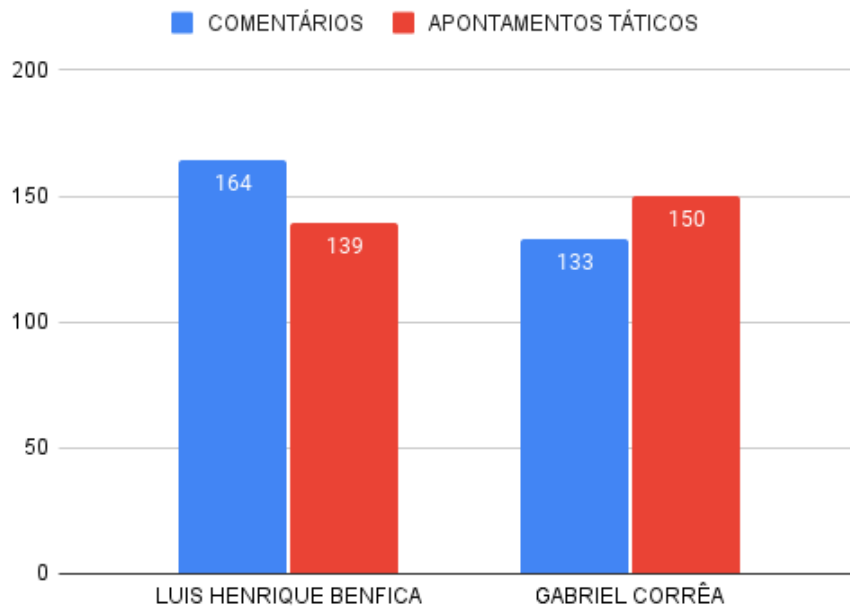
Gabriel Corrêa: E, de uma forma ou de outra, quando a gente falava que o Inter tinha que saber por que foi bem nos últimos jogos, principalmente no jogo contra o Boca, hoje, é o exemplo de que talvez não saiba. Porque a marcação do Inter está desajustada, chega atrasada nos lances. Esse caso, cruzamento de Zé Welison e a cabeçada do Pedro Raúl, é um exemplo do que é o Inter no jogo: um time atrasado, e que não consegue, com sua marcação, parar o Fogão (RÁDIO BANDEIRANTES, 12 dez. 2020).

Benfica inicia o relato do gol retratando que, entre diferentes fatores, o Inter apresentava “buracos em todos os setores do campo”. Os setores da equipe, representados pela defesa, pelo meio e pelo ataque, estavam, portanto, descompactados, fazendo com que fossem criados espaços ao adversário. Ao utilizar os termos “buracos” e “setores”, o comentarista opta por mesclar, respectivamente, uma linguagem mais coloquial com outra mais técnica. Corrêa, por outro lado, trabalha todo o seu apontamento na informalidade, caracterizando a marcação do Internacional como “desajustada” e detalhando a situação ao explicar que “chega atrasada nos lances”. As recorrências seguintes trataram de temas similares e mantiveram a abordagem de equilibrar termos técnicos e coloquiais. A atipicidade no lance do segundo gol do Inter acabou deixando o viés tático em um segundo plano até o final da transmissão.

## 5.8 Apontamentos gerais

O levantamento realizado e a posterior análise do material permitem a inferência de que a análise tática tem um espaço significativo dentro do comentário contemporâneo no rádio. Os dados totais indicam, nas sete partidas analisadas, que os 297 comentários contiveram 289 apontamentos táticos no geral. Enquanto Benfica comentou mais, Corrêa teve mais leituras táticas, o que justifica o equilíbrio nos números. Em quatro partidas, o segundo teve um registro maior de apontamentos em relação a comentários; enquanto o primeiro teve mais que uma colocação tática por comentário em dois momentos. O **Gráfico 1** detalha os dados em relação a cada comunicador.

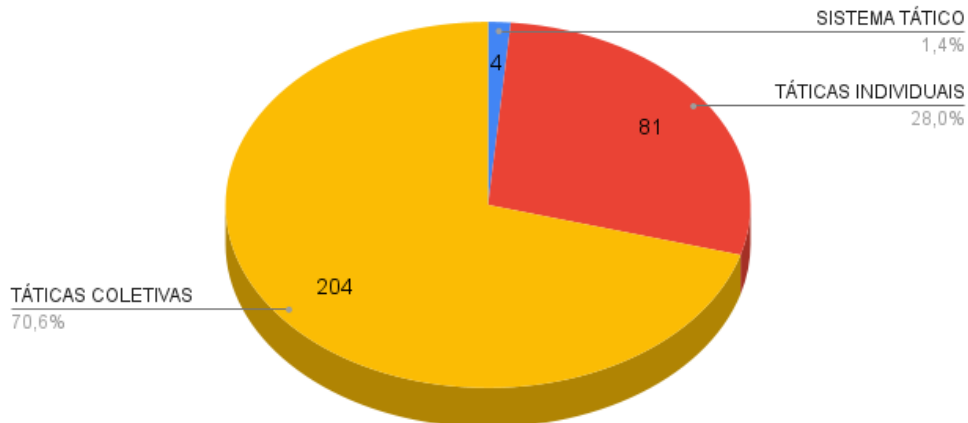


**Gráfico 1:** Ocorrência de análises táticas nas transmissões

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

O número de apontamentos é um exemplo de como interpretação e informação, no cenário convergente do jornalismo esportivo, são tão relevantes quanto a opinião. Muitos dos comentários estudados eram dominados por análises de cenários que não continham o julgamento dos comunicadores, apenas sua leitura dos fatos — uma característica fortemente relacionada ao comentarista contemporâneo (GUIMARÃES, 2018). Em outros momentos, os pontos de vista de cada profissional apareciam, mas embasados com análises e colocações objetivas.

Em relação aos apontamentos táticos, sua categorização em (1) *sistema tático*, (2) *táticas individuais* e (3) *táticas coletivas* permite inferências, após a análise de cada jogo, sobre a relevância de cada tema dentro de observações táticas feitas no comentário esportivo. Além disso, os números extraídos dessa inspeção do *corpus*, expostos no **Gráfico 2**, possibilitam uma interpretação das prioridades dos comunicadores durante os 90 minutos de partida.

**Gráfico 2:** Ocorrência das categorias dos apontamentos táticos

Fonte: Elaborado pelo autor (2021)

Por mais relevante que seja, o (1) *sistema tático* é pouco destacado nas transmissões, aparecendo mais no momento pré-jogo do que durante os 90 minutos. Ele é utilizado como um complemento em diversos momentos, mas a utilização de ilustrações como “4-4-2” e “4-2-3-1” é preterida por explicações que detalham o funcionamento do esquema, algo que é menos monótono ao ouvinte. Para que isso ocorra, portanto, é necessário que o comentarista tenha pleno domínio do tema, mesmo com ele sendo menos apresentado nos comentários.

As (2) *táticas individuais* têm maior recorrência em relação ao sistema tático, e são utilizadas para destacar positiva ou negativamente os atletas apontados. A partir de uma leitura tática em relação ao jogador, é possível, por exemplo, criticá-lo sem que sejam feitos juízos de valor, mas sim buscando os porquês de uma eventual má atuação. O estudo das transmissões indicou que, no comentário contemporâneo, a adjetivação perde espaço para esse tipo de apontamento, mas ainda é possível observar situações em que um complementa o outro. Compreender a função do jogador é o caminho para facilitar a avaliação em relação à performance dele em campo, e os comentários de Benfica e Corrêa comprovam isso.

De longe o tipo de apontamento mais utilizado, as (3) *táticas coletivas* apresentam um panorama geral da partida ao ouvinte, e, ao mesmo tempo, servem de embasamento para avaliações, críticas e sugestões a equipes, jogadores e treinadores. É nessa leitura que as expressões técnicas aparecem com maior frequência, assim como as exemplificações e os termos mais coloquiais, sendo essas algumas das técnicas encontradas pelos comentaristas para equilibrar o tático com o que é mais usual ao receptor. O contexto coletivo é, também,

uma mescla das outras duas categorias, o que ajuda a explicar o predomínio de colocações do tipo. Por vezes, Benfica e Corrêa pontuam funções de dois ou mais jogadores ao mesmo tempo, ou as suas incumbências dentro do esquema de jogo, o que foi considerado um apontamento tático coletivo mesmo com nuances individuais e de sistema.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise tática faz parte do futebol há mais de cem anos, e não é de agora que o jornalismo esportivo reconhece a sua relevância. Ela detalha a maneira com que as equipes buscam executar sua estratégia dentro de campo, sendo um objeto de estudo na área da Educação Física, e de reflexão na área da comunicação. A realização desse tipo de leitura já existia no século passado, mas passou a ser uma prática mais recorrente no cenário contemporâneo, tornando-se um elemento comum no comentário esportivo no rádio. À medida em que o público demonstra ter interesse no assunto e é exposto cada vez mais a questões táticas em diferentes formas de mídia, o tema vira imprescindível em coberturas do esporte. Além de dominá-lo, o profissional precisa saber como passar a sua interpretação do jogo ao ouvinte, o que transforma o *taticuês* também em um desafio comunicacional. Apontar as ocorrências da partida de uma maneira mais objetiva é uma alternativa de lidar com a paixão e a intransigência dos torcedores, características levantadas por Alcoba (2005, p. 165, tradução nossa), que podem ser afloradas com o contato com opiniões menos embasadas e pouco interpretativas.

A importância da tática na comunicação pode ser embasada com a presente pesquisa: além dos contextos históricos e teóricos apresentados, a análise de conteúdo trouxe números que apontam para uma proporcionalidade na recorrência de apontamentos táticos em relação aos comentários em transmissões da Rádio Bandeirantes Porto Alegre. Nas partidas estudadas, Gabriel Corrêa e Luis Henrique Benfica, juntos, realizaram 289 leituras nesse âmbito em 297 colocações totais. Os comunicadores apresentam um grande interesse pelo tema, algo que foi explicitado nas entrevistas realizadas, mas eles demonstram, sobretudo, uma capacidade notável de transmitir suas observações aos ouvintes, com padrões sendo percebidos durante o estudo. Os termos científicos não são deixados de lado, ao mesmo tempo em que não aparecem como o principal ponto das análises feitas, sendo contextualizados e explicados dentro das colocações.

A presença de ilustrações, comparações e metáforas entrega uma leitura de jogo mais acessível ao ouvinte, agregando à análise tática e seus termos técnicos um comentário que reúne opinião, informação e, principalmente, interpretação. De acordo com Guimarães (2018, p. 168), o uso de uma linguagem popular é uma característica da fase do jornalismo esportivo, anterior à atual, o que faz com que os comunicadores atuais não apresentem,

necessariamente, uma “nova linguagem”, mas sim façam o uso de estratégias mais tradicionais para solucionar problemas do presente. Aglutinar a análise da partida, a partir de métodos advindos da Educação Física, e a explanação do que ocorre em campo, sob as exigências do Jornalismo, é uma tarefa que encontra ainda mais desafios em meio a uma transmissão, com pouco tempo para o comentarista ler, interpretar e fazer o apontamento. Dominar a linguagem esportiva é fundamental para qualquer jornalista da área (ALCOBA, 2005, p. 114, tradução nossa), por isso, conhecer o tema tático, tão vigente nos dias atuais, é uma exigência para o profissional contemporâneo, bem como ter domínio das estratégias para tratar dele durante a jornada.

Cabe ressaltar que nem todos os comunicadores atuais demonstram as características ligadas ao comentário contemporâneo. Normalmente, esses advêm da fase anterior, em que a prática tinha ligações mais fortes com a opinião, e a interpretação do jogo, embora emergente, ainda ficava em segundo plano. Um exemplo é Adroaldo Guerra Filho, elencado no terceiro capítulo do trabalho. Há, também, profissionais que surgiram antes do momento atual, mas que demonstram adaptação às exigências, em especial à parte tática, como é o caso de Luis Henrique Benfica, ainda que tenha se consolidado como comentarista na última década. Gabriel Corrêa, por outro lado, serve como um perfeito exemplo do radialista que cresceu já na presente conjuntura, tendo um grande interesse pelo viés interpretativo do jogo através da tática.

Nas sete partidas analisadas, as intervenções dos comentaristas tiveram frequências diferentes, variando, somadas, entre cerca de 30 e 60 participações durante os 90 minutos. Os diferentes contextos dos jogos e os outros profissionais envolvidos nas transmissões são alguns dos fatores que propiciam essa menor regularidade, mas os comentários em si mantêm um padrão em termos de tamanho e, especialmente, quanto à presença de apontamentos táticos — sendo sempre próximo de um para cada manifestação de Benfica e Corrêa. O fato de análises com esse viés apresentarem um protagonismo no rádio atual é marcante, já que se trata de um meio que, em diferentes áreas, sustenta muitas tradições do século passado, como o próprio formato das jornadas esportivas, que foi pouco alterado desde os anos 1960.

O futebol atual não é igual àquele de cerca de 70 anos atrás, quando as transmissões no rádio estavam começando a se consolidar no meio. Dentro e fora de campo, o

esporte teve alterações marcantes, transformando-se cada vez mais em um negócio. Há, entretanto, fatores que não mudam, e a paixão dos torcedores é um deles. Por isso, o comentário no rádio sempre terá espaço para diferentes tratamentos, desde os mais emocionais até os mais racionais. Outro elemento que acompanha o jogo há tempos é a tática, mas a abordagem em sua relação não é mais a mesma, com o tema aparecendo com mais força em diversos âmbitos relacionados ao desporto. O jornalismo esportivo não fica para trás, e tem incorporado a análise tática de maneiras diferentes. No rádio, os comentaristas aparecem como os emissores desse tipo de informação e interpretação do jogo, algo que o presente trabalho buscou observar tendo como exemplo dois profissionais da Rádio Bandeirantes Porto Alegre.

Dessa forma, pode-se concluir que o *tatiquês* tem uma recorrência significativa no comentário esportivo atual, mas requer cuidados. A linguagem científica não pode se sobrepor à linguagem popular, já que os ouvintes, por mais que demonstrem interesse no tema, não precisam conhecer termos mais técnicos para serem fãs de futebol e acompanhar as partidas. Novas pesquisas que tratem do assunto em diferentes meios, como na televisão e em redes sociais, podem dar continuidade à discussão. O conteúdo analisado trouxe uma demonstração de esforço por parte dos comentaristas de rádio para que todas as suas colocações com esse viés fossem mais facilmente compreendidas pelo grande público, algo que deve ser regra para que o jornalismo não se afaste de suas principais atribuições — dentre elas, a de realizar uma comunicação universal, equânime e sem a presença de barreiras para determinadas audiências.

## 7 REFERÊNCIAS

ALCOBA, Antonio. **Periodismo Deportivo**. Madrid: Síntesis, 2005.

\_\_\_\_\_. **Especialización**: Futuro del periodismo. Madrid: Caja de Madrid, 1988.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2002.

BARNEY, Chico. O título do novo programa do Faustão na Band é genial; saiba qual é. **UOL**, 2021. Disponível em:

<https://www.uol.com.br/splash/colunas/chico-barney/2021/09/28/o-titulo-do-novo-programa-d-o-faustao-na-band-e-genial-saiba-qual-e>. Acesso em: 29 set. 2021.

BENFICA, Luis Henrique. Entrevista realizada em 19 out. 2021.

CECCONI, Eduardo. **Análise tática de futebol no jornalismo esportivo**. [s.l.]: [s.e], 2013.

Disponível em:

<https://pt.scribd.com/document/157490286/Analise-tatica-de-futebol-no-jornalismo-esportivo>.

CECONELLO, Douglas Portal. **Bandeirantes Esportiva em Porto Alegre**. 2005. 112 f. Monografia (Especialização) - Curso de Jornalismo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005. Disponível em:

<https://esportefabico.files.wordpress.com/2010/11/mono-versc3a3o-cd-douglas-portalceconello.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo esportivo**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2017.

CORRÊA, Gabriel Grassotti. Entrevista realizada em 07 out. 2021.

COSTA, Lailton Alves da. Gêneros jornalísticos. In: MARQUES DE MELO; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010. p. 43-84.

FERRARETTO, Luiz Artur; KISCHINHEVSKY, Marcelo. Rádio e convergência: uma abordagem pela economia política da comunicação. In: Encontro da Compós, 19, 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. Uma proposta de periodização para a história do rádio no Brasil. **Eptic – Revista de Economia Política das Tecnologias da Informação e Comunicação**, Aracaju: Observatório de Economia e Comunicação da Universidade Federal do Sergipe, v. XIV, n. 2, maio-ago., 2012.

\_\_\_\_\_. **Rádio [recurso eletrônico]: teoria e prática**. São Paulo: Summus, 2014.

\_\_\_\_\_. A inauguração da Rádio Difusora. **Uma história do rádio no Rio Grande do Sul**, 2013. Disponível em:

<https://www.radionors.jor.br/2013/05/a-inauguracao-da-radio-difusora-2013.html>. Acesso em: 12 set. 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro. **O comentário esportivo contemporâneo no rádio de Porto Alegre**: uma análise das novas práticas profissionais na fase de convergência. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação). Curso de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2018.

GUIMARÃES, Carlos Gustavo Soeiro; FERRARETTO, Luiz Artur. O comentário esportivo no rádio de Porto Alegre: uma proposta de periodização histórica. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 39, 2016, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

MARQUES DE MELO, José. **Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3ª. ed. São Paulo: Mantiqueira, 2003.

RÁDIO BANDEIRANTES. Transmissão de Grêmio e Juventude pela Copa do Brasil de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Grêmio e Red Bull Bragantino pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Internacional e Athletico pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Internacional e Atlético Mineiro pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Internacional e Botafogo pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Internacional e Coritiba pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

\_\_\_\_\_. Transmissão de Sport e Internacional pelo Campeonato Brasileiro de 2020. Porto Alegre, 2020. Arquivo de áudio.

RODRIGUES, Bruno; ASSIS, Toni. Nova linguagem da bola enfrenta resistência aos termos táticos. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 7 de abr. de 2019. Disponível em: <https://pressreader.com/brazil/folha-de-s-paulo/20190407/282119227915279>. Acesso em: 2 out. 2021.

SOARES, Edileuza. **A bola no ar**: o rádio esportivo em São Paulo. São Paulo: Summus, 1994, p. 10-34.



THIENGO, C. R. **Glossário do futebol brasileiro:** termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2. ed. Rio de Janeiro, 2020. 66 p. E-book.

TORRES, Osvaldo Rocha. Prefácio. In: THIENGO, C. R. **Glossário do futebol brasileiro:** termos e conceitos relacionados às dimensões técnica e tática. 2. ed. Rio de Janeiro, 2020. 66 p. E-book.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo, porque as notícias são como são.** 2.ed. Florianópolis, Insular, 2005.

WILSON, Jonathan. **A Pirâmide Invertida:** a história da tática no futebol. Campinas: Editora Grande Área, 2016.

## GLOSSÁRIO DE FUTEBOL

**Atacante:** Jogador que atua no setor de ataque.

**Ataque:** Momento do jogo em que a equipe ataca, enquanto o adversário defende. Também conhecido como organização ofensiva.

**Bola parada** – Momento do jogo em que a bola está parada por circunstâncias como escanteios, laterais e faltas.

**Centroavante** – Jogador que atua no centro do setor de ataque. Também conhecido como “9”, ou apenas atacante.

**Contra-ataque** – Momento do jogo em que a equipe ataca em transição, enquanto o adversário realiza a transição para a defesa. Também conhecido como contragolpe ou transição ofensiva.

**Defensor** – Jogador que atua no setor de defesa.

**Defesa** – Momento do jogo em que a equipe defende, enquanto o adversário ataca. Também conhecido como organização defensiva.

**Escanteio** – Cobrança realizada com os pés, próxima à bandeirinha de escanteio, após a bola sair pela linha de fundo tocando por último no defensor. Também conhecido como tiro de canto ou corner.

**Função** – Incumbência do jogador em campo. Exemplo: zagueiro construtor, lateral apoiador e volante marcador.

**Goleiro** – Atleta que se diferencia dos demais por ter como função principal a proteção do gol. Também conhecido como guarda-metas ou arqueiro.

**Lateral direito/esquerdo** – Jogador que se posiciona nas laterais do setor de defesa.

**Lateral** – Cobrança realizada com as mãos após a bola sair pela linha lateral.

**Meia esquerdo/direito** – Jogador que se posiciona à frente no setor de meio-campo, atuando aberto em um dos lados.

**Meia** – Jogador que se posiciona à frente do volante e do segundo volante no setor de meio-campo. Também é conhecido como “10” ou meia-atacante.

**Meio-campista** – Jogador que atua no setor de meio-campo.

**Ponta esquerdo/direito** – Jogador que se posiciona aberto em um dos lados no setor de ataque. Também conhecido como extremo ou extrema.

**Posição** – Local do campo em que o jogador se posiciona de maneira inicial. Exemplos: zagueiro, lateral e volante.

**Primeiro/segundo tempo** – Período de 45 minutos iniciais/complementares do jogo. Também conhecido como primeira/segunda etapa.

**Reserva** – Jogador que compõe o banco de reservas da equipe, podendo ser substituído para integrar a equipe no meio da partida.

**Segundo volante** – Jogador que se posiciona no centro do setor de meio-campo, posicionando-se um pouco à frente do primeiro volante. Também conhecido como “8”, médio ou área-a-área.

**Setor** – Concentração de jogadores em um dos três espaços em campo: setor de defesa, setor de meio-campo e setor de ataque. Também conhecido como linha.

**Técnica** – Conjunto de fundamentos básicos do atleta, como passe, chute, drible e cruzamento.

**Técnico** – Comandante da equipe.

**Transição defensiva** – Momento do jogo em que a equipe defende em transição, enquanto o adversário realiza a transição para o ataque.

**Volante** – Jogador que se posiciona no centro do setor de meio-campo, posicionando-se à frente do setor de defesa. Também conhecido como “5” ou primeiro volante.

**Zagueiro** – Jogador que se posiciona no centro do setor de defesa.

## APÊNDICE A - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

### AUTORIZAÇÃO

Eu, *Gabriel Grassotti Corrêa*, abaixo assinado(a), autorizo *Henrique Danna Letti*, estudante de Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título "*Tatiquês: uma análise dos apontamentos táticos nos comentários em transmissões esportivas da Rádio Bandeirantes*" e está sendo orientado por/pela Prof.(a.) Dr.(a.) Sandra de Fátima Batista de Deus.

Porto Alegre, ..... de ..... de 2021.

---

Assinatura do entrevistado

## **APÊNDICE B - ENTREVISTA COM GABRIEL CORRÊA, COMENTARISTA DA RÁDIO BANDEIRANTES EM 2020 (07/10/2021)**

### **Como o jornalista Gabriel Corrêa virou o comentarista Gabriel Corrêa?**

Como eu via muito futebol, fui convidado para ser plantão na Rádio Grenal quando tinha só dois meses de rádio [como produtor]. Depois, na Rádio Bandeirantes, eu fui repórter por um tempo. Falei que não era muito a minha praia, mas tudo bem, aconteceu. Desde o início, o foco sempre foi ser comentarista, e foi algo que se deu de maneira muito gradual. Foi meio que aquela ordem cronológica: tu é repórter e, depois, vira apresentador. Aí veio a oportunidade no Donos [da Bola, programa da Band TV], fiquei um ano e meio lá, virando debatedor depois de um tempo. Na sequência, veio a chance de ser comentarista, também porque a Band fez uma mudança que era de ter dois comentaristas na transmissão. Ali, abriu uma porta legal. E eu já estava debatendo no Apito Final havia bastante tempo, então foi uma transição natural.

### **Quais os desafios para ser um comentarista no rádio nos dias atuais?**

A primeira coisa que eu pensava é que estava falando para alguém que não estava vendo o jogo. Eu me valia muito disso para tentar me comunicar de uma maneira clara. Se a pessoa não está vendo o jogo, há coisas que não ajudam muito, sempre tentava descrever um pouco [o lance]. Depois, a outra preocupação era tentar expor as ideias do que estava acontecendo para time A ou time B de maneira clara para quem estava ouvindo, seja com um termo tático, tentando explicar ele, ou de uma maneira mais simples. Apesar de o comentarista sempre dar opinião, eu sempre tentava falar em um meio-termo. Às vezes, acho meio pesado o cara chegar e dizer que o time está muito mal. Talvez não esteja, talvez isso ocorra por “n” motivos. É algo do jogo.

### **Enquanto esteve na Rádio Bandeirantes, você percebeu uma diferença entre os comentaristas de diferentes gerações?**

Em alguns momentos, sim, era mais marcante. Mas, de maneira geral, havia muita coisa que era mais da forma de se comunicar. O rádio sempre teve a opinião muito forte, então aquela coisa de fazer uma afirmação contundente sobre o jogo é muito comum à geração anterior à minha, como afirmar que fulano não presta ou não é bom jogador. Ao invés de afirmar que o jogador está mal e precisava ser trocado, por exemplo, eu preferia entender por qual razão ele estava sendo trocado ou não. Acho que as gerações anteriores sempre opinaram muito, mas,

em meio à transmissão, comentaristas da minha geração buscam analisar o jogo, colocando junto a opinião.

**Você entende que há relevância em analisar o jogo taticamente para comentá-lo? Se sim, como você faz isso?**

Eu sempre tinha meu caderninho para anotar desde a escalação até algumas informações prévias que eu pesquisava. Às vezes, eu gastava 1h, 1h30, antes do jogo, para dar uma estudada, olhando algum número que chamava a atenção. “Ah, tal time fez 20 gols e 15 foram de bola parada”. Isso tem que ser destacado, é um elemento tático e precisa ser destacado, inclusive, antes da partida. Um exemplo foi o jogo do Inter contra o América de Cali, na Libertadores. Os dois zagueiros do América tinham menos de 1,80m, e isso me chamou muito a atenção. O Inter tinha o Abel Hernández, e, com o Coudet, jogava muito pelo lado. Deixei isso anotado para falar antes do jogo, e, com dois minutos de partida, o Inter fez um gol de bola aérea. A tática, para mim, sempre estava muito incluída em tudo. Na hora do comentário com a bola rolando, pensando no que preciso falar, tem muita coisa que eu posso falar no momento sem a bola, mas, talvez, para o público isso não é tão interessante, embora para mim seja. Sempre me preocupei em pensar no que o ouvinte quer saber, mas pensei sempre em explicar isso através da ótica do jogo. Meu interesse não pode ficar acima do interesse do ouvinte. Muito de um jogo é tática. Você colocar um volante de zagueiro é tática; escalar um volante de lateral é tática. Eu tentava dar uma recortada no que era mais importante dentro do que o ouvinte gostaria de ouvir e do que fosse relevante, de fato, dentro da partida.

**Como traduzir a parte tática do jogo para o ouvinte?**

Eu posso ter estudado que o movimento que a defesa faz de um lado para o outro é a basculação, mas eu nunca vou falar esse termo em uma transmissão. Vou dizer que a defesa acompanha a bola de um lado para o outro, é muito mais simples. No cotidiano do ouvinte médio, ele não escuta “amplitude”, é ter um cara aberto para receber a bola. Claro que, em algum momento, não vai ter tempo para explicar um determinado termo, se fala um minuto no máximo, são intervenções curtas. É sempre uma preocupação. O termo tático passava pela minha cabeça, e, às vezes, eu pensava se usava ou não, mas é preciso pensar no que o ouvinte quer ouvir.

**Você utiliza dados sobre o jogo em meio à transmissão?**

Eu acho muito legal. Particularmente, durante o jogo, não gosto muito, porque tira a minha

atenção. Só se é algo muito marcante. Eu usava o aplicativo *SofaScore*, que tem dados em tempo real. Mas eu pegava muita coisa pré-jogo, no intervalo e no pós-jogo. Acho que é muito importante, porque quanto mais informações se passa para o ouvinte, melhor. É algo que gera curiosidade. Cada informação e cada pequeno detalhe pode, sempre, ser muito legal.

## APÊNDICE C - AUTORIZAÇÃO DE ENTREVISTA

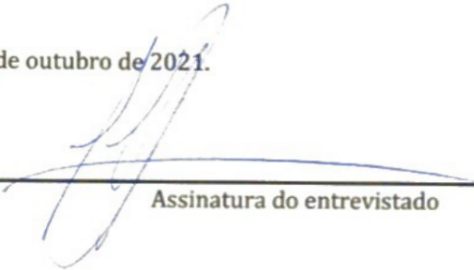


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

### AUTORIZAÇÃO

Eu, *Luis Henrique Benfca*, abaixo assinado, autorizo *Henrique Danna Letti*, estudante de Jornalismo, da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a utilizar as informações por mim prestadas, para a elaboração de seu Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como título "*Tatiquês: uma análise dos apontamentos táticos nos comentários em transmissões esportivas da Rádio Bandeirantes*" e está sendo orientado por/pela Profa. Dra. Sandra de Fátima Batista de Deus.

Porto Alegre, 19 de outubro de 2021.



---

Assinatura do entrevistado



**APÊNDICE D - ENTREVISTA COM LUIS HENRIQUE BENFICA,  
COMENTARISTA DA RÁDIO BANDEIRANTES (19/10/2021)**

**Como o jornalista Luis Henrique Benfica virou o comentarista Luis Henrique Benfica?**

Eu fiz reportagem de campo, em jornadas esportivas, de 1987 até 2000. Esse foi o período na Rádio Guaíba, com uma passagem de cinco meses pela Band, em 1995. Foram 13 anos de reportagem, à beira do gramado. Em 2000, fui para a Zero Hora, e, em seguida, começou a fazer rádio também, mas não em jornadas, apenas reportagens. De vez em quando, eu comentava alguns jogos pela Rádio Gaúcha, entre 2000 e 2019. Aí, fui percebendo que eu não posso ocupar o microfone de uma Rádio Gaúcha, Bandeirantes ou Guaíba para dizer a mesma coisa que o cara do bar está dizendo. Eu não posso me contentar com isso. Tenho que tentar passar para o ouvinte alguma coisa que ele não está enxergando. Comecei a participar nos debates do Sala de Domingo, o Nando Gross me convidou, aí comecei realmente a debater com o Gustavo Fogaça, que é um analista tático muito bom, com o próprio Nando Gross, e pensei: “nós temos que aprofundar esse debate. Eu tenho que me especializar cada vez mais nesse debate”. Então, assim: a partir da minha ida para a Rádio Gaúcha, nos anos 2000, que eu comecei a ter a ideia de virar um comentarista esportivo.

**Você comentou sobre tática. Como se interessou sobre o tema?**

Primeiro, pela transmissão cada vez mais frequente de jogos europeus, sobretudo partidas da Premier League [Campeonato Inglês], que é um futebol completamente diferente do que se joga no Brasil. Como, normalmente, os grandes jogadores vão para lá, obviamente o futebol deles é melhor do que o nosso. Comecei a observar, a tentar entender onde que está essa diferença, por que eles, tecnicamente, acabam se sobrepunando ao futebol brasileiro. Aí, se descobre que a vantagem é justamente pela questão tática. Então, vamos tratar de analisar o futebol taticamente. Esse foi meu impulso para ingressar nesse mundo de análise tática.

**Os desafios para ser um comentarista no rádio nos dias atuais incluem questões táticas?**

**Há diferença entre as gerações de comentaristas e, conseqüentemente, de ouvintes?**

Os jovens, e não precisa nem ser jornalista, cada vez mais, estão sabendo questões táticas. Não tem como enganar o jovem porque fala bem, tem fluência, tem anos e anos de microfone. Não tem como acreditar que vou dizer algo e o jovem vai acreditar. O ouvinte, não só o jovem, estudou questões táticas. Como eu vou querer passar uma mentira para o cara? Tenho que estar, no mínimo, no mesmo nível de conhecimento do ouvinte. É necessário estudar e se

preparar cada vez mais. Claro que tem cara que liga o rádio para te ouvir dando uma opinião, dando uma porrada em alguém. Mas, acho que, cada vez mais, tem gente ligando o rádio e a televisão para ver se a opinião do comentarista bate com a opinião deles. Ele está desafiando o comentarista: “vou ouvir esse cara para ver se ele realmente está entendendo o jogo”. Não se pode passar vergonha na frente do ouvinte, tem de ser um cara preparado. Eu lamento não ter mais tempo para estudar futebol. São questões profissionais, como meu canal no YouTube, que toma muito tempo, e é uma coisa prazerosa. Mas eu gostaria muito de estudar mais futebol, conversar com treinadores, fazer cursos de técnico. É extraordinário isso. As questões táticas, às vezes, são simplificadas: “como o técnico não está enxergando isso?”. Não, ele está enxergando. É que há, talvez, um técnico do outro lado que, daqui a pouco, foi muito mais eficiente. Está cientificamente comprovado que o futebol não se resolve só tecnicamente. Ele também se resolve no laboratório, e acho que é uma obrigação de quem trabalha com isso estudar cada vez mais.

### **Como traduzir a parte tática do jogo para o ouvinte?**

Aí acho que entra a capacidade do radialista. A capacidade de conseguir transformar a interpretação tática em uma coisa que não seja chata. Falar de modo a não se tornar um chato, um robô. Aí entra o talento do comunicador. Ele tem que suavizar a coisa, tornar ela agradável para quem está estudando. Tu tem que passar a informação, tu tem que passar o número, tu tem que passar as informações táticas de maneira talentosa, de maneira agradável. Isso nem todo mundo consegue. Eu não tenho a pretensão de dizer que eu consigo, daqui a pouco eu não consigo. Mas a nossa obrigação como comunicador é essa, saber passar as questões táticas sem ser um cara chato.

### **Você utiliza dados sobre o jogo em meio à transmissão?**

Para mim, os dados espelham claramente o que está acontecendo no jogo. A questão da posse de bola, as faltas cometidas, as chances criadas, os arremates. Eu acho fundamental, em meio à jornada, se colocar os dados. Acho que o ouvinte gosta disso. Às vezes, ele está esperando aquela coisa diferenciada: “o que ele está vendo que eu não estou vendo?”. E, em momentos, os dados explicam isso muito bem.